

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE ECONOMIA
MONOGRAFIA DE BACHARELADO

**HETERODOXIA, ORTODOXIA, MAINSTREAM E
PLURALISMO: PERSPECTIVAS PARA A
CIÊNCIA ECONÔMICA**

PEDRO HENRIQUE DIAS ROCHA DE OLIVEIRA
matrícula nº.: 106087823

ORIENTADOR: JOÃO LUIZ PONDÉ

ponde@ie.ufrj.br

ABRIL 2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE ECONOMIA
MONOGRAFIA DE BACHARELADO

**HETERODOXIA, ORTODOXIA, MAINSTREAM E
PLURALISMO: PERSPECTIVAS PARA A
CIÊNCIA ECONÔMICA**

PEDRO HENRIQUE DIAS ROCHA DE OLIVEIRA
matrícula n°.: 106087823

ORIENTADOR: JOÃO LUIZ PONDÉ

ABRIL 2017

As opiniões expressas neste trabalho são de responsabilidade exclusiva do autor

Dedico este trabalho à minha família, em especial à minha avó Lucília. Vocês são a razão de tudo o que faço.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho não poderia ser realizado sem a contribuição e a motivação que recebi de muitas pessoas especiais. Aos meus pais, por me lembrarem do que é realmente importante e estarem sempre presentes, minha gratidão eterna. Ao Paulinho, meu irmão, por ser o melhor companheiro em todas as horas. À Maria Eugênia, por sua confiança em mim e apoio incondicional nos momentos mais difíceis.

Aos meus amigos “paulistas”, Ricardo, Gui, Tavinho, Shion, Andrew, Renan, Yuri e Norman: muita coisa boa ainda está por vir. Também agradeço aos amigos Osmar e Fernando, por todas as indicações de livros e conversas que certamente me enriqueceram muito. À Cris, um anjo que Deus colocou em minha vida. Não posso deixar de mencionar um dos meus grandes incentivadores, meu amigo Carlos Eduardo Rezende, por todo apoio e discussões de nível elevadíssimo.

Ao meu orientador João Luiz Pondé, agradeço por ter despertado em mim o interesse pelos problemas da filosofia da ciência na Economia e ao meu grande professor João Felipe Cury, por ser uma referência de seriedade e paixão pelas profissões de economista e de professor. Também gostaria de agradecer ao professor Jaques Kerstenetzky pela honra que me proporciona ao participar da avaliação deste trabalho.

Finalmente, gostaria de agradecer a Deus por nunca ter desistido de mim.

RESUMO

Esta monografia tem como objetivo analisar o atual debate existente sobre os conceitos de ortodoxia, heterodoxia e *mainstream*, dentro das várias interpretações e definições que estes termos recebem. Numa visão mais ampla, este trabalho busca estudar a questão do pluralismo nas ciências, suas motivações, vantagens e desvantagens, possibilidades e inadequações. Apresentando o debate sobre heterodoxia e ortodoxia, e tendo visto os conceitos pertinentes ao pluralismo científico, vamos investigar a perspectiva atual do pluralismo dentro da ciência econômica.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO.....	7
CAPÍTULO 1 – A NATUREZA DA HETERODOXIA, DA ORTODOXIA E DO MAINSTREAM	13
I.1 – A ontologia da ortodoxia e da heterodoxia	13
I.1.1 – Possíveis unidades do projeto ortodoxo	14
I.1.2 – O formalismo matemático	16
I.1.3 – Ontologia da ortodoxia e a inadequação do método matemático.....	17
I.1.4 – A ontologia da heterodoxia e a realidade social.....	19
I.2 – O conceito sociológico de <i>mainstream</i>.....	21
I.2.1 – A definição de <i>mainstream</i>	22
I.2.2 – Aspectos sociológicos e intelectuais do <i>mainstream</i>	24
I.3 – Relações entre ortodoxia, heterodoxia e <i>mainstream</i>	25
I.3.1 – O conceito de ortodoxia e a escola neoclássica.....	26
I.3.2 – A heterodoxia como parte do <i>mainstream</i>	28
I.3.3 – A heterodoxia como oposição ao <i>mainstream</i>	29
I.3.4 – As origens dos programas de pesquisa heterodoxos	30
I.3.5 – A heterodoxia e o formalismo matemático	32
CAPÍTULO II – QUESTÕES FUNDAMENTAIS SOBRE O PLURALISMO ..	35
II.1 – A perspectiva monista	35
II.2 – A justificativa da postura pluralista	37
II.3 – Vantagens do pluralismo.....	40
CAPÍTULO III – O PLURALISMO NA ECONOMIA.....	44
III.1 – O <i>mainstream</i> como promotor do pluralismo.....	45
III.1.1 – A fronteira do conhecimento e os mecanismos de mudança.....	45
III.1.2 – Novas abordagens e o futuro da ciência econômica.....	50
III.2 – Críticas à capacidade pluralista do <i>mainstream</i>	52
III.2.1 Pequeno histórico do pluralismo no <i>mainstream</i>	52
III.2.2 Pluralismo teórico, monismo metodológico	55
III.2.3 – A abordagem da complexidade	57
CONCLUSÃO	63
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	68

INTRODUÇÃO

Uma ciência é um corpo organizado de métodos e conceitos que busca responder a perguntas sobre certos aspectos da realidade. Como algo acontece? Quais as causas de um determinado fenômeno? Existe A em B? São exemplos de perguntas que os diversos cientistas realizam em seus respectivos campos de estudo. De uma maneira geral, o papel de um cientista é buscar evidências para embasar suas hipóteses, criadas com o intuito de responder a perguntas sobre os fenômenos existentes em nosso mundo. Após formular estas respostas provisórias, o cientista deve recorrer à experiência e ao uso da razão para julgar a validade das mesmas, de forma a poder embasar corretamente suas descrições acerca de como os diversos fenômenos do universo ocorrem.

A Economia é uma ciência. Sendo uma ciência, portanto, a economia também é um corpo organizado de métodos e conceitos que busca responder a perguntas sobre certos aspectos da realidade. Em outras palavras, a ciência econômica possui o propósito de responder a questões que surgem dentro de um determinado recorte da realidade.

Como em todas as ciências que envolvem fenômenos humanos, o terreno da discussão econômica é permeado por uma infinidade de visões, muitas delas frontalmente divergentes. A história do pensamento econômico nos oferece uma ampla gama de controvérsias que surgiram ao longo dos tempos, cada parte defendendo a veracidade ou o sucesso de uma abordagem contra a falsidade ou fracasso em termos práticos de outra. Em suma, um consenso entre os cientistas econômicos raramente existiu. Isto se deve a diversos motivos.

O fenômeno econômico é um fenômeno complexo. Existem diversas causas agindo simultaneamente no evento econômico, causas estas que o compõem e o influenciam dos mais diferentes modos. Desta maneira, as divergências entre as escolas de pensamento econômico podem ter origem nas premissas de uma teoria, na validade dos instrumentos de análise e até na escolha dos fatos relevantes que devem ser estudados para que se possa obter um conhecimento seguro sobre o fenômeno econômico.

Devido à importância destas discussões para o melhor entendimento e, conseqüentemente, para o progresso da ciência, muitos economistas dedicaram seus esforços a organizar, expor e sintetizar estas controvérsias. Um exemplo clássico é o trabalho *Scope and Method of Political Economy*, de John Neville Keynes, publicado em 1890. Nesta obra, o pai de John Maynard Keynes abordou o embate entre duas das mais influentes correntes econômicas da época, confronto que ficou conhecido como “a batalha dos métodos”. Levando em consideração os diferentes pontos de partida e os métodos utilizados pelas duas escolas, Neville Keynes sugeriu uma síntese entre a Economia Clássica Inglesa, de autores como Adam Smith e David Ricardo, e a Escola Historicista Alemã, representada por nomes como Werner Sombart e Max Weber. Conforme nos diz Bianchi, “a polêmica entre essas duas correntes de pensamento reacendia um velho objeto de disputa: a pendência entre dedução e indução como fonte de conhecimento científico, entre o chamado método *a priori* e o método *a posteriori*.” (BIANCHI, 1992, p. 137).

O ensaio de Neville Keynes possui um tom conciliatório. O autor defende a ideia de que nenhum método seja defendido em detrimento de todos os outros, ressaltando as qualidades e recomendando que sejam aproveitadas as vantagens que as diversas abordagens podem oferecer ao estudioso da ciência econômica. Sua intenção é afastar o que pode ser chamado de *falácia do método exclusivo*. Bianchi nos diz que “o método da economia pode ser abstrato ou realista, dedutivo ou indutivo, matemático ou estatístico, hipotético ou histórico [...]. Cada um deles tem seus méritos e limitações, e a habilidade do cientista é revelada precisamente na sabedoria com que combina os méritos e se precavê contra as limitações.” (BIANCHI, 1992, p. 138)

Passado um pouco mais de um século, o debate econômico evoluiu consideravelmente. Ainda assim, vemos que o trabalho pioneiro desenvolvido por Neville Keynes no campo da metodologia econômica continua a iluminar os caminhos de importantes economistas da atualidade, de maneira que o tema estudado continua a ser objeto de grande interesse nos dias de hoje. Naturalmente, os trabalhos sobre este assunto existem hoje em dia sob formas distintas das descritas por Neville Keynes.

Dentre os economistas que estudam a matéria do pluralismo, observamos uma considerável quantidade deles com atitude crítica em relação ao *mainstream* da ciência econômica. Acreditamos ser esta uma das motivações de nosso estudo, o questionamento se os métodos e teorias aceitos pelo *mainstream* acadêmico são adequados ao estudo dos fenômenos econômicos. De maneira complementar, esta análise do *mainstream* acaba se transformando num estudo sobre a natureza do que podemos chamar de *heterodoxia*. Uma vez que se busca compreender mais detalhadamente os elementos que compõem o *mainstream*, torna-se natural a busca por definir de maneira precisa o que seriam as alternativas heterodoxas.

No Capítulo I, vamos apresentar o debate sobre o significado dos termos heterodoxia, ortodoxia e *mainstream*. Essencialmente, o que observamos são questionamentos envolvendo conceitos e definições sobre teorias ortodoxas e teorias heterodoxas. Do que se trata uma teoria heterodoxa? Como definimos o que é ortodoxia? Heterodoxia e Ortodoxia são conceitos dinâmicos ou definições estáticas? Existe algum elemento que una as tradições que são chamadas de heterodoxas? Ou a categoria máxima de classificação das diferentes teorias econômicas são as próprias escolas de pensamento?

Na primeira parte do primeiro capítulo, exibimos o debate sobre este assunto tendo como ponto focal o trabalho de Tony Lawson (2005). O autor compreende os métodos utilizados pelo *mainstream* como inadequados ao estudo da ciência econômica. A partir desta análise, Lawson enuncia a definição de economia heterodoxa em oposição aos pressupostos do *mainstream*.

Na segunda e na terceira parte do Capítulo I, veremos os pontos de vista de diversos autores, como Dequech (2008), Colander, Holt e Rosser (2004) e Davis (2006), que fazem contrapontos à visão de Lawson sobre o *mainstream* e a natureza da economia heterodoxa. Entraremos profundamente na análise do sentido do termo *mainstream*. Afinal, *mainstream* e ortodoxia são termos equivalentes? É correto se referir ao *mainstream* da ciência econômica como sinônimo da escola neoclássica? Apresentaremos este debate, desenvolvendo os principais argumentos e posições sobre o tema.

Uma vez exposto o debate envolvendo as questões sobre *mainstream*, ortodoxia e heterodoxia, trataremos no Capítulo II da questão do pluralismo

propriamente dito. Dadas as críticas realizadas pelos economistas heterodoxos sobre os métodos utilizados no presente momento na economia, um apelo ao pluralismo teórico, metodológico e até ontológico surge como forma de reorganizar e possibilitar o progresso do conhecimento em nossa ciência.

Na primeira parte do segundo capítulo, trataremos da questão do *monismo*, dissertando sobre suas características, qualidades e problemas de sua adoção para o desenvolvimento da ciência. Tentaremos responder à pergunta: por que o pluralismo é em si mesmo desejado? Por que o monismo não pode ser adotado como uma meta a ser buscada por toda comunidade científica?

De acordo com Kellert, Longino e Waters (2006), a motivação básica para a adoção de um pluralismo teórico, metodológico e ontológico é a ideia de que um fenômeno não pode ser totalmente explicado por apenas uma teoria ou por uma abordagem única. Consequentemente, torna-se necessário que utilizemos uma multiplicidade de métodos para a explicação e investigação de um fenômeno.

Na segunda parte do Capítulo II, vamos abordar o ponto de vista do pluralismo, expondo seus atributos e as diversas formas de encará-lo. Desta forma, recorreremos a autores como Kellert, Longino e Waters (2006), Chang (2012) e Giere (2006). Confrontaremos a concepção monista com outras noções sobre o que significa o próprio conceito de pluralismo, noções estas que inclusive colocam em suspenso eventuais conclusões sobre a natureza dos objetos a serem estudados pelas ciências, o que naturalmente abre um caminho para o florescimento de diversas visões, metodologias e teorias.

Há tipos de pluralismo que não se adequam aos critérios científicos? Até que ponto podemos ser pluralistas sem nos tornarmos relativistas? A adoção do pluralismo não pode acabar tornando mais frouxo o critério de qualidade das ciências? Na última parte do Capítulo II, tentamos responder a estes questionamentos e mostrar quais são as vantagens efetivas de adotarmos uma postura pluralista, mais especificamente, uma *ideologia pluralista* (Chang, 2012).

No Capítulo III tratamos da investigação sobre como se dá o pluralismo na ciência econômica dos dias atuais. Uma vez entendidos os conceitos fundamentais

sobre o pluralismo na ciência, vamos analisar de que maneira o *mainstream* da ciência econômica se comporta em relação ao pluralismo.

Na primeira parte deste último capítulo, trataremos das contribuições de Davis (2006) e Colander, Holt e Rosser (2004), que argumentam na direção de que o *mainstream* é suficientemente plural. Para estes autores, a profissão da ciência econômica é uma entidade dinâmica por sua própria natureza. Desta forma, há um constante câmbio de ideias entre os cientistas, o que permite que exista uma grande variedade de concepções coexistindo no que consideramos como o *mainstream* da ciência econômica. Além disso, apresentamos a *abordagem da complexidade* como uma possível nova tendência a orientar o futuro de nossa academia e também como evidência de que *mainstream* é uma força dinâmica, apta a assimilar inovações e abordagens alternativas.

No entanto, na segunda parte deste capítulo, veremos alguma opiniões não tão otimistas em relação à capacidade do *mainstream* de trabalhar num ambiente efetivamente plural. Inicialmente, veremos em Dow (2008) que, por mais plural que seja o conteúdo do *mainstream*, sua base metodológica continua a ser monista. Depois, trataremos da visão de Fontana (2010) sobre a relação entre a abordagem da complexidade e o *framework* metodológico neoclássico. Segundo a autora, não é possível que os dois programas coexistam, operando uma troca virtuosa de ideias, uma vez que ambos partem de micro-fundamentos e ontologias irreconciliáveis. Esta posição se assemelha profundamente com as noções de Lawson (2005) acerca da natureza da economia heterodoxa, fundadas em críticas à metodologia comumente aceita no *mainstream*.

Por fim, na conclusão, tendo exposto as mais recentes visões sobre os temas enunciados acima, tentaremos responder com nossa opinião às perguntas que fizemos nesta introdução. O objetivo deste trabalho é tentar contribuir um pouco para o avanço dos estudos da economia, lançando luz sobre o atual panorama de discussões e buscando mostrar os possíveis caminhos para o futuro da ciência econômica. Vivemos um momento de grandes oportunidades para o surgimento de novos paradigmas. Nosso trabalho pretende fazer uma pequena colaboração neste propósito de levar a ciência econômica a patamares cada vez mais elevados.

Como utilizamos fundamentalmente autores publicados em língua inglesa, nossas citações textuais serão feitas através de traduções livres.

CAPÍTULO 1 – A NATUREZA DA HETERODOXIA, DA ORTODOXIA E DO MAINSTREAM

Neste primeiro capítulo, faremos a exposição do debate existente acerca dos conceitos de *heterodoxia*, *ortodoxia* e *mainstream*. Por heterodoxia e ortodoxia, compreendemos estes termos se referindo a determinados programas de pesquisa que possuem certos aspectos que os caracterizam. Alguns autores, em especial Lawson (2005), identificam a concepção de heterodoxia e ortodoxia a partir de uma unidade de elementos intelectuais. Em outras palavras, é possível encontrarmos características fixas distintivas em cada um destes programas de pesquisa, características estas que identificam a heterodoxia e a ortodoxia. Por outro lado, há uma corrente de autores que foca essencialmente na análise do conceito de *mainstream*. Estes autores consideram que não é possível encontrarmos uma unidade ontológica nos programas classificados como ortodoxos ou heterodoxos. Uma vez que as características intelectuais do *mainstream* são extremamente diversas e variáveis ao longo do tempo, vamos analisar estes termos e definições por um ponto de vista *sociológico*, levando em conta a dinâmica intrínseca existente na composição destes conceitos.

I.1 – A ontologia da ortodoxia e da heterodoxia

Nesta sessão, nos ocuparemos em enunciar os argumentos em favor das definições de ortodoxia e heterodoxia a partir de uma perspectiva ontológica. É possível encontrarmos pontos intelectuais em comum entre as teorias chamadas de ortodoxas, constituindo uma corrente de pensamento coerente? Da mesma forma, também encontramos alguma homogeneidade no projeto chamado de heterodoxo? De acordo com Lawson (2005), a resposta a estas perguntas é afirmativa.

O que distingue a heterodoxia da ortodoxia? É muito comum ouvirmos referências no meio acadêmico ao termo “heterodoxia”. Mas, ao mesmo tempo, este parece ser um conceito vago, sem uma definição clara do seu significado real. Numa análise simples, poderíamos compreender a heterodoxia como os programas de pesquisa que atuam como *outsiders* em relação aos programas comumente aceitos pelos mais tradicionais centros de estudo sobre a ciência econômica. Isto nos levaria a uma definição negativa da heterodoxia, sendo tudo aquilo que não é parte da ortodoxia e, na situação atual, não faz parte do *mainstream*. Numa definição resumida, damos o nome de *mainstream* aos projetos de pesquisa estabelecidos e

aceitos nas mais prestigiadas universidades e centros de pesquisa do mundo. Heterodoxia funcionaria como um termo que agruparia todos os projetos rejeitados pela visão do *mainstream* de como deve ser levado em frente o programa de pesquisa da ciência econômica¹.

Porém, a visão de que a heterodoxia é *apenas* um projeto que se posiciona contra o *mainstream* pode ser insuficiente. De acordo com Lawson, “a característica amplamente reconhecida e aceita de todas as tradições heterodoxas é a rejeição do projeto moderno do *mainstream*. [...] Contudo, este reconhecimento não necessariamente implica que a heterodoxia seja puramente reativa” (LAWSON, 2005, p. 3-4). Apesar de a motivação de Lawson ser a realização de uma crítica ao projeto moderno do *mainstream* econômico, veremos que esta crítica está fundada numa concepção da heterodoxia como um projeto independente e bem definido. Mas para determinarmos corretamente a natureza daquilo que se entende por heterodoxia, devemos primeiro compreender a natureza daquilo a que ela se opõe.

I.1.1 – Possíveis unidades do projeto ortodoxo

Para os autores que defendem a classificação ontológica, há um pressuposto de que os termos ortodoxia e *mainstream* se equivalem, pelo menos no presente momento. Isto não significa que ortodoxia e *mainstream* são *sempre* sinônimos. Existe apenas a alegação de que o programa de pesquisa que se entende por ortodoxia atualmente ocupa lugar de destaque nas principais cátedras onde se desenvolve o ensino e o estudo da ciência econômica. Além disso, podemos inferir desta visão que a ortodoxia seria o *único* projeto existente no *mainstream*, não podendo existir outras categorias descritivas no *mainstream*. Desta maneira, nesta sessão utilizaremos os termos ortodoxia e *mainstream* como equivalentes.

Há alguns autores que pretendem explicar o que, em última instância, caracteriza o projeto ortodoxo. Os argumentos são diversos e focam desde os aspectos sociológicos da economia ortodoxa até a essência das premissas utilizadas pelos pesquisadores desta corrente de estudos.

Autores como Kanth (1997) e Guerrien (2004) tentam explicar o projeto

¹ É importante não confundirmos as categorias dos termos *mainstream*, heterodoxia e ortodoxia. *Mainstream* é uma definição sociológica, enquanto que ortodoxia e heterodoxia são definições intelectuais.

ortodoxo a partir de uma visão que podemos chamar de ideológica. Para estes autores, o *mainstream* ortodoxo se fundamenta primordialmente numa defesa incondicional da economia de mercado, do *laissez-faire*, do sistema capitalista. O projeto de pesquisa do *mainstream* funcionaria apenas como uma ideologia preocupada em defender certos interesses. Em outras palavras, as teorias ortodoxas servem como argumentos para embasar a defesa de uma pretensa perfeição do sistema econômico vigente. De acordo com Lawson (2005, p. 4), este seria “um projeto preocupado primordialmente com a defesa do funcionamento do sistema econômico atual, uma concepção muitas vezes sistematizada sob o título de ‘economia *mainstream* como ideologia’.”

Segundo esta visão, a defesa da perfeição metodológica e teórica do *mainstream* se fundamentaria em duas estratégias: a primeira é a suposição de que os agentes econômicos são atomísticos e racionais; a segunda é a utilização de modelos fechados, que supõem a existência de equilíbrio, garantindo os *outputs* desejados pelo cientista. Isto significa que, caso algum resultado ocorra na realidade de maneira distinta à indicada pelo modelo, isto se deve a alguma variável exógena não prevista; ou caso os indivíduos não ajam de maneira racional, há algo de errado com os agentes, pois este não seria o estado natural das coisas.

Lawson (2005, p. 5) concorda com as observações de Kanth e Guerrien de que os tópicos descritos acima fazem parte do contexto do *mainstream*. No entanto, não é necessariamente verdade que o aspecto ideológico seja o motor do projeto de pesquisa ortodoxo. Também não é claro que os todos os economistas ortodoxos acreditem que o domínio onde ocorrem os fenômenos econômicos se constitua desta forma simplificada. As aproximações realizadas pelos modelos são deliberadas e conscientes. A hipótese do equilíbrio e dos agentes racionais seriam apenas ferramentas de estudo (Hahn, 1970). As premissas ortodoxas raramente são verificadas no campo dos fatos, e os economistas ortodoxos estão conscientes disto.

Além disso, a hipótese de que o *mainstream* deve ser caracterizado como um campo de estudos que supõe o comportamento otimizador dos agentes econômicos não é muito precisa. Um contraexemplo são os trabalhos realizados na área da Teoria dos Jogos. Embora consideradas como participantes do *mainstream* acadêmico, estas contribuições não colocam a premissa da racionalidade e do comportamento otimizador como necessárias ao desenvolvimento de sua pesquisa (Lawson, 2005).

Inclusive, o famoso tripé metodológico de racionalidade, individualismo e equilíbrio não parece contemplar em sua totalidade a essência do projeto ortodoxo. Vale ressaltar que, por essa perspectiva, Lawson deixa claro que considera programas de pesquisa baseados em teoria dos jogos como *ortodoxos*, definição que não está livre de controvérsia, como veremos nas próximas sessões deste capítulo.

I.1.2 – O formalismo matemático

Mas se estes fatores comumente atribuídos ao *mainstream* não são o fundamento que une todos os programas de pesquisa ortodoxos, quais são os aspectos que definem esta corrente de estudos? A resposta de Lawson é que o elemento que conecta todos os pontos deste grupo de pesquisa é o *formalismo matemático*:

“... acredito que há uma característica da economia *mainstream* moderna que é essencial para ela. E é um aspecto tão tomado como certo que ele amplamente não é questionado. Este aspecto é tão somente a estrutura formalista-dedutiva que os economistas do *mainstream* adotam em todas as circunstâncias, e, de fato, insistem em adotar.” (LAWSON, 2005, p. 6-7)

Lawson defende que existe este elemento formalista persistente em todas as perspectivas ortodoxas da economia. Se o *mainstream* não está unido por questões de eficácia de suas teorias, nem por premissas comumente aceitas, deve existir alguma particularidade mais fundamental agrupando este projeto de pesquisa. *Esta particularidade é o método matemático-dedutivo*². Mais do que a simples utilização do formalismo matemático, há uma *insistência* em relação ao seu uso. Lawson afirma de maneira categórica que “o projeto moderno da economia *mainstream* é apenas uma insistência, como um princípio amplo da disciplina, de que os fenômenos econômicos sejam investigados usando apenas certas formas matemático-dedutivas de raciocínio.” (LAWSON, 2005, p. 10).

Não é tarefa deste trabalho entrar em complexas discussões metafísicas sobre a matemática, mas vale observarmos que, na ciência econômica, ela é utilizada essencialmente como uma *linguagem* que busca facilitar o estudo de certos aspectos da realidade. Desta maneira, devemos sempre ter em mente este caráter de linguagem

² Um exemplo em favor desta visão de Lawson pode vir de uma breve análise dos fundamentos da corrente de pensamento denominada como Escola Austríaca. Os adeptos deste programa de estudos, que possui muitas premissas em comum com o *mainstream*, por exemplo, o foco no indivíduo como unidade básica de análise e a defesa da economia de mercado como sistema econômico otimizador do bem-estar, se opõem frequentemente ao formalismo matemático e criticam a utilização de modelos fechados como ferramentas de análise, características estas que predominam no *mainstream*.

que a abordagem matemática possui. Sendo caracterizada como tal, a matemática pode ser uma linguagem adequada ou inadequada ao estudo de determinada ciência, mas nunca possuindo uma adequação *a priori* ou ser considerada uma abordagem universalmente desejada.

A questão sobre a adequação do formalismo matemático é solenemente ignorada pelo *mainstream* (LAWSON, 2005). A pertinência do ferramental matemático é tida como tão óbvia que qualquer tentativa de empreender uma discussão sobre o tema é prontamente tratada como irrelevante. Na concepção ortodoxa, a matemática é naturalmente desejada, como se a mesma fosse a linguagem científica por excelência.

Dentro deste contexto, nossa questão é entender se os objetos de estudo da ciência econômica necessitam do ferramental matemática. Isto não deve ser confundido como uma rejeição total ao método matemático, “mas é uma rejeição à insistência de que nós sempre o utilizemos em todas as circunstâncias.” (LAWSON, 2005, p. 10). Em outras palavras, é uma negação de que a modelagem formalista-dedutiva é uma abordagem sempre apropriada à análise dos assuntos econômicos.

Realizada esta explicação que trata da natureza da ortodoxia e do projeto moderno do *mainstream* para a economia, nos aproximamos da resposta para a pergunta sobre a natureza da economia heterodoxa. A conclusão que chegamos é que *a economia heterodoxa se caracteriza por uma rejeição à ênfase dada aos modelos matemáticos*. Como nos diz Lawson:

“O que se segue para nossa compreensão da economia heterodoxa? Se esta última é, em primeiro lugar, uma rejeição da economia *mainstream* moderna, e esta última consiste na insistência de que as formas de método matemático-dedutivo devem ser utilizadas em todos os lugares, a economia heterodoxa é, em primeira instância, tão somente uma rejeição desta ênfase.” (LAWSON, 2005, p. 10).

I.1.3 – Ontologia da ortodoxia e a inadequação do método matemático

Por quais motivos a heterodoxia se opõe à utilização do método matemático-dedutivo na economia? A explicação, para Lawson, tem origem no campo da *ontologia*. O termo “ontologia” vem do grego, onde “*ontos*” significa “ente”, sendo portanto a *ciência do ser*. Segundo Lawson, “ontologia é o estudo de, ou uma teoria sobre, a natureza básica e a estrutura de (um domínio) da realidade.” (LAWSON,

2005, p. 11). Em sua visão, a compreensão ontológica dos fenômenos econômicos deve ser o fundamento para o estudo da ciência econômica.

Por esta perspectiva, a diferença entre ortodoxia e heterodoxia é sobretudo *ontológica*. Todos os métodos possuem pressupostos ontológicos. É possível analisar os métodos utilizados pelos economistas para descobrirmos qual o *tipo* de ontologia que eles pressupõem (LAWSON, 2009). Diversos estudiosos podem concordar sobre a assertividade uma certa visão ontológica, mas isso não significa que eles vão necessariamente defender as mesmas teorias ou métodos. Significa apenas que eles compartilham de uma mesma base. Na filosofia da ciência, os métodos e as teorias estão num nível posterior ao ontológico em termos de análise.

Naturalmente, os métodos formalistas também pressupõem um certo *tipo* de ontologia. Este é o terreno a partir do qual as teorias do *mainstream* são fundadas. Investigar os méritos deste fundamento básico é o caminho correto para avaliarmos se a utilização do método ou da teoria são procedentes para os fins desejados. No caso dos métodos utilizados pela ortodoxia, o parecer é de que o ferramental matemático não é o ideal para lidar com o material social. De acordo com Lawson:

“Todos os métodos de análise são apropriados para alguns tipos de material, mas não para outros. Isto é tão verdadeiro para os métodos matemáticos quanto para os outros. Meu argumento aqui é que a explicação da má atuação de grande parte da economia moderna é que os métodos matemáticos estão sendo impostos em situações para as quais eles são em grande parte inapropriados.” (LAWSON, 2005, p. 11).

A crítica ontológica de Lawson ao *mainstream* é a de que a forma possui uma prioridade sobre o conteúdo. Em outras palavras, a realidade existe de uma certa maneira, mas os modelos distorcem alguns de seus aspectos para encaixá-la dentro de seu *framework*. Os modelos matemáticos garantem a regularidade dos eventos, mas não necessariamente os eventos estudados possuem regularidades. Os métodos devem se adequar aos materiais estudados, não o contrário.

Para que a modelagem matemático-dedutiva fosse desejada, seria necessário que a ontologia da realidade social funcionasse como um *sistema fechado*, pois é esta característica que poderia nos garantir a existência de regularidade nos eventos sociais. De acordo com Lawson, “podemos observar, primeiro, que os tipos de métodos formalistas utilizados pelos economistas exigem, na sua maioria, a existência (ou o postulado) de sistemas fechados, isto é, aqueles em que ocorrem regularidades

de eventos (determinísticas ou estocásticas).” (LAWSON, 2004, p. 11). É esta noção de sistemas fechados que fundamenta o dedutivismo do *mainstream*.

Neste sentido, a modelagem matemática supõe que os eventos econômicos funcionarão como fenômenos mecânicos. Dada uma certa condição *x*, o *output* do modelo sempre será *y*. Se temos variações do resultado *y*, então isto é considerado uma exceção ou indicação de que existem outros fenômenos imprevistos interferindo no resultado de *y*. Para ambas as situações, o formalismo matemático não fornece o ferramental adequado. Por conta disso, Lawson (2005, p. 11) afirma que “os métodos matemáticos são tão amplamente inadequados à análise social que, em última análise, sustenta a oposição heterodoxa.” Desta forma, podemos observar que a metodologia matemático-dedutiva deve pressupor uma ontologia onde os fenômenos existem sob um aspecto *atomista-isolacionista*, isto é, uma ontologia onde os diversos aspectos do domínio social não se relacionam.

I.1.4 – A ontologia da heterodoxia e a realidade social

Se esta ontologia ortodoxa não explica corretamente a estrutura da realidade, de maneira que o fundamento do projeto heterodoxo é a oposição a esta ontologia, qual a alternativa proposta pela heterodoxia?

A ontologia heterodoxa vai se basear nas características do que se entende por *realidade social*. Lawson nos dá uma definição do termo: “por realidade social ou por domínio social, quero dizer aquele domínio de todos os fenômenos cuja existência depende pelo menos em parte de nós.” (LAWSON, 2005, p. 13). Assim, a ontologia da realidade social pode ser compreendida ao investigarmos os aspectos que a compõem.

De acordo com a definição exposta acima, a realidade social é necessariamente influenciada pela ação humana. Podemos observar que as ações humanas possuem um elemento de transformação contínuo, seja no meio onde vivemos, seja influenciando outros seres humanos, seja alterando características do próprio agente. Com isso, podemos concluir que um dos atributos ontológicos da realidade social é que ela é *dinâmica ou processual* (LAWSON, 2005). Isto se opõe frontalmente à ontologia que supõe que sempre existem regularidades nos fenômenos sociais.

Outra propriedade da realidade social se refere ao que podemos chamar de *relações internas*. Na definição de Lawson:

“Diz-se que as relações são internas quando os referidos são o que são e/ou podem fazer o que fazem, apenas em virtude da relação de uns com os outros na qual estão inseridos. Exemplos óbvios são as relações que se mantêm entre empregador e empregado, professor e estudante, senhorio e inquilino ou pai e prole.” (LAWSON, 2005, p. 13).

Portanto, devemos compreender o contexto social onde os agentes estão inseridos para compreendermos profundamente suas implicações e influências nos diversos assuntos econômicos. Não podemos abstrair estas questões essenciais através de um reducionismo atomístico-isolacionista.

A realidade social também é o que podemos chamar de *estruturada*. Isto significa que existem esferas de influência implícitas nas ações humanas que geralmente não são consideradas nos modelos ortodoxos. Exemplos destas forças que atuam de maneira estrutural nos fenômenos econômicos são as instituições, as tradições e os diversos outros aspectos que compõem uma cultura. De acordo com Lawson, “o domínio social é o que chamamos de *estruturado*. Com isso quero dizer que ele não consiste apenas em um nível ontológico. Em particular, não reduz tudo a ações humanas e outras realidades, mas inclui estruturas e processos sociais subjacentes...” (LAWSON, 2005, p. 14).

Com isso, a ontologia da realidade social pode ser definida como um *sistema aberto, processual e de relações internalizadas*. Vale ressaltar que o projeto heterodoxo não necessariamente possui uma consciência clara da sua ontologia compartilhada. Mas esta ontologia está sempre presente, mesmo que de maneira implícita (Lawson, 2005). Podemos citar como exemplo a ênfase dos pós-keynesianos na questão da incerteza fundamental. Este destaque dado a este aspecto dialoga diretamente com a característica de *sistema aberto*. Da mesma maneira, o foco dado pelos institucionalistas à tecnologia como uma força dinâmica na economia se relaciona diretamente com o aspecto *processual* da realidade social. Seguindo o mesmo raciocínio, a ênfase feminista nas interdependências das relações sociais nos remete à concepção ontológica das *relações internalizadas*.

Lawson então conclui que "as ênfases dominantes das tradições heterodoxas separadas, em outras palavras, são apenas manifestações de categorias da realidade

social que estão em conflito com a suposição de que a vida social é composta em toda parte por átomos isolados.” (LAWSON, 2005, p. 15). Em outras palavras, as diferentes escolas de pensamento heterodoxas vão sempre se referir a algum dos aspectos da ontologia da realidade social citados acima.

A ontologia exposta acima se opõe à ontologia implícita nos modelos matemáticos utilizados pelo *mainstream*. É desta forma que é possível fundamentar positivamente a oposição da heterodoxia em relação ao *mainstream* ortodoxo. Com isso, baseados numa conceituação ontológica, conseguimos definir os elementos que caracterizam o projeto ortodoxo e heterodoxo. Apresentamos os principais argumentos em defesa da definição de ortodoxia e heterodoxia a partir de uma perspectiva intelectual.

No entanto, esta não é a única visão possível. Há diversos autores que julgam que esta interpretação de Lawson sobre a natureza da ortodoxia e da heterodoxia não é procedente. Em especial, estes autores afirmam que Lawson deixa escapar o aspecto profundamente plural do *mainstream* atual, afirmando que não é possível categorizar todo as escolas do *mainstream* como fundamentadas numa mesma ontologia. Além disso, há tradições consideradas heterodoxas, como o Marxismo e a escola Neo-Ricardiana, que não se encaixariam neste *framework* ontológico proposto por Lawson (DEQUECH, 2007). Apresentaremos esta visão alternativa de categorização das escolas de pensamento e de definição dos termos *heterodoxia*, *ortodoxia* e *mainstream* na próxima sessão.

I.2 – O conceito sociológico de *mainstream*

Na sessão anterior, pudemos entrar em contato com as visões de Lawson sobre os fundamentos da tradição heterodoxa na ciência econômica. Como pudemos observar, por definição, a heterodoxia se opõe ao que se entende por ortodoxia. Por sua vez, a ortodoxia compreenderia todo o espectro de teorias e escolas de pensamento que consideram desejável a utilização do formalismo matemático como ferramenta de estudo para a ciência econômica. Além disso, esta ortodoxia representaria o que podemos chamar de projeto moderno do *mainstream* para a economia. Nesta perspectiva, *a ortodoxia é o mainstream*, conforme definido por Lawson.

Nesta sessão, focaremos numa análise mais aprofundada do termo *mainstream*, não apenas do seu significado, mas também do seu conteúdo no atual momento para a ciência econômica. A compreensão deste conceito é de fundamental importância para compreendermos a configuração intelectual e sociológica da ciência econômica, tanto historicamente como nos dias atuais. Se o progresso da ciência econômica é um objetivo que devemos buscar, será de grande proveito um melhor entendimento sobre os métodos de estudo e teorias aceitos atualmente pelo *mainstream*, além de compreendermos esses critérios de aceitação e como eles se relacionam com as mais variadas características das escolas de pensamento que despontam no *mainstream*.

1.2.1 – A definição de *mainstream*

O conceito de *mainstream* é simples de ser delineado. É um conceito essencialmente *sociológico* (COLANDER et al, 2004). Numa tradução literal, o *mainstream* é o que podemos chamar de “corrente principal”. Segundo Colander et al, “o *mainstream* consiste nas idéias que são possuídas por aqueles indivíduos que são dominantes nas principais instituições acadêmicas, organizações e revistas em um determinado momento, especialmente as principais instituições de pesquisa de pós-graduação.” (COLANDER et al, 2004, p. 490). Em outras palavras, o *mainstream* pode ser considerado o pensamento dominante.

Em Dequech (2007), vemos uma definição um pouco mais abrangente do que pode ser chamado de *mainstream*. Complementando a definição supracitada de Colander, Holt e Rosser, o autor nos diz que o “... a economia *mainstream* é aquela que é ensinada nas mais prestigiadas universidades e faculdades, é publicada nas revistas mais prestigiadas, recebe recursos das mais importantes fundações de pesquisa e ganha os mais prestigiados prêmios.” (DEQUECH, 2007, p. 281). É possível que Dequech tenha sido demasiadamente rigoroso com a definição de Colander, Holt e Rosser, mas de fato esta definição é mais apropriada, uma vez que o *mainstream* não é composto apenas pelas pessoas que fazem parte do grupo da elite. O conceito de Colander, Holt e Rosser se refere essencialmente à *origem* do pensamento do *mainstream*, mas não à composição sociológica do *mainstream* na sua totalidade. Desta maneira, o *mainstream* é composto tanto pelas pessoas que fazem parte da elite do pensamento econômico quanto por seus seguidores, que podem

existir nos mais diversos níveis da academia.

Os atributos de *prestígio e influência* são centrais na compreensão da natureza do que se entende por *mainstream*. Na palavras de Dequech, “o conceito de economia *mainstream* é baseado em prestígio e influência e inclui as idéias ensinadas em escolas de prestígio.” (DEQUECH, 2007, p. 279). Com isso, podemos observar que existe um corpo de pessoas, escolas, universidades, jornais e instituições em geral que gozam de algum prestígio em seu meio. Isto nos leva ao ponto relevante de que o *mainstream* é composto por *grupos de elite*³. Estes grupos podem ser de pessoas, ideias ou instituições, por exemplo. Segundo Colander e al:

“Este conceito de "elite da profissão" é elusivo, mas é compreendido por aqueles que fazem parte da profissão. São aqueles economistas *mainstream* que fizeram contribuições importantes ao pensamento no passado. Ele inclui alguns (mas não todos) vencedores do Prêmio Nobel, e a maioria dos economistas que têm importantes cadeiras em programas de pós-graduação de ponta” (COLANDER et al, 2004, p. 492).

Embora exista uma elite de *pessoas, universidades e instituições*, é importante que atentemos ao fato de que, em última instância, é o prestígio das *ideias* que determina o que é dominante no *mainstream*. Como nos diz Dequech:

“Houve casos de ex-prêmios Nobel que mudaram de ideia, mas não conseguiram convencer seus companheiros dentro do *mainstream* da profissão. Assim, nem sempre é fácil se referir consistentemente a ambas ideias e pessoas como tendo prestígio e fazendo parte da economia *mainstream*. As ideias devem ser vistas como o principal fator, porque (1) um indivíduo pode simultaneamente ter algumas ideias que são aceitas em círculos de prestígio e outras que não são, ou (2) um indivíduo pode ter prestígio devido a ideias que ele ou ela não mais detém.” (DEQUECH, 2007, p. 284-285)

Mesmo economistas de renome muitas vezes não conseguem convencer seus pares no *mainstream* a aceitarem certas ideias. Embora a presença de uma pessoa na elite do pensamento crie uma maior facilidade no processo de aceitação de suas ideias, a mera presença deste pensador no *mainstream* não garante a aprovação das

³ Embora não seja o foco deste trabalho, a questão da formação destes grupos de elites pode suscitar algumas questões interessantes. Por exemplo, o que criou o prestígio de uma instituição como Harvard? Os resultados alcançados por seus professores? A seriedade com que a pesquisa é realizada? Em outras palavras, os critérios para a formação das elites são objetivos ou contém elementos de subjetividade? Se existirem critérios subjetivos, é possível a formação de uma elite dita ilegítima? São questões importantes para compreendermos a dinâmica da evolução do pensamento na academia e sua influência em outras esferas da sociedade.

mesmas.

I.2.2 – Aspectos sociológicos e intelectuais do *mainstream*

Conforme afirmamos anteriormente, pela ótica que definimos o conceito de *mainstream*, o elemento de prestígio é o fundamental. Nesse sentido, podemos notar que é perfeitamente viável a coexistência de um ou mais elementos de prestígio na composição do *mainstream*. Em outras palavras, o prestígio não é um atributo excludente. Isso significa que é ontologicamente possível a pluralidade dentro do *mainstream*, de forma que o “... a economia *mainstream* não precisa ser internamente consistente. Em princípio, ideias que possuem muito contraste entre si podem pertencer à economia *mainstream*.” (DEQUECH, 2007, p. 283). Da mesma forma, podemos ver que Colander et al também afirmam este caráter intrinsecamente heterogêneo da noção de *mainstream*:

“Não é um termo que descreve uma escola determinada historicamente, mas é em vez disso um termo que descreve as crenças que são vistas pelas melhores escolas e instituições na profissão como intelectualmente relevantes e com as quais vale a pena trabalhar. Por isso, a economia *mainstream* geralmente representa uma abordagem mais ampla e mais eclética da economia do que se for caracterizada como a mais recente ortodoxia da profissão” (COLANDER et al, 2004, p. 490).

É importante notar que estas visões de *mainstream* e ortodoxia são diretamente opostas à descrita por Lawson.

Além deste aspecto diverso do *mainstream*, devemos observar que isso não exclui a possibilidade de encontrarmos algum componente *intelectual* comum entre as diversas escolas de pensamento que participam do *mainstream*. Veremos mais adiante algumas dessas possíveis *common features*. Desta maneira, constatamos a riqueza de possibilidades descritivas contida neste concepção de *mainstream*. Segundo Dequech:

“Definir a economia *mainstream* em termos sociológicos não é incompatível com a identificação de elementos compartilhados entre as idéias que formam a economia *mainstream* de um período histórico particular. Um conceito sociológico do *mainstream* não exige que esses elementos compartilhados existam, e não os impede de existir por algum tempo.” (DEQUECH, 2007, p. 283).

Os elementos de prestígio podem variar ao longo do tempo. Desta maneira, vemos que o conceito *em si* de *mainstream* não muda de acordo com as épocas, mas o que é considerado *mainstream*, o conteúdo do conceito, este pode variar. Portanto, o *mainstream* da época do entre-guerras não é o mesmo dos dias atuais, por exemplo.

Cada época possui seus elementos de prestígio específicos. Ao longo da história do pensamento econômico, identificamos uma multiplicidade de elementos eleitos como os mais desejados para o estudo da ciência econômica, cada um deles dominando o pensamento em sua época particular.

O conceito de *mainstream* é *estático* por sempre buscar os aspectos de prestígio e de influência em sua caracterização. Mas seu conteúdo é *dinâmico*, uma vez que aquilo que possui prestígio num certo momento, não necessariamente possui em outro. Neste sentido, Dequech nos diz:

“O conceito sociológico de economia *mainstream* é o mais geral de todos, no sentido de que, por definição, a economia *mainstream* teria sempre as características sociais de prestígio e influência, enquanto as características teóricas, metodológicas ou políticas do *mainstream* (aquelas que por algum tempo têm prestígio e influência) podem mudar ao longo do tempo. Identificar os conteúdos intelectuais do *mainstream* de um período particular é, portanto, compatível com um conceito sociológico da economia *mainstream*.” (DEQUECH, 2007, p. 283).

É por conta destas características do *mainstream* que os autores citados anteriormente consideram um equívoco a equivalência entre os termos *ortodoxia* e *mainstream*. Como veremos adiante, o conteúdo da ortodoxia pode ser idêntico ao do *mainstream* em um determinado período do tempo, mas isso não significa que os conceitos são sinônimos. Esta diferenciação entre *mainstream* e ortodoxia é de suma importância para que possamos nos aprofundar na compreensão do termo heterodoxia e adquirirmos uma melhor visão sobre a organização do quadro teórico e metodológico da ciência econômica nos dias atuais.

I.3 – Relações entre ortodoxia, heterodoxia e *mainstream*

Uma vez definidos o escopo, a natureza e a dinâmica do *mainstream*, nesta sessão vamos nos concentrar na análise e nas consequências que as definições acima geram com relação aos termos *ortodoxia* e *heterodoxia*. Também abordaremos algumas questões sobre a escola *neoclássica*, muitas vezes identificada como sinônimo de *ortodoxia* e de *mainstream*. Afinal, é possível existir mais de um tipo de ortodoxia ao mesmo tempo? A ortodoxia sempre fará parte do *mainstream*? Paralelamente, a heterodoxia sempre vai se opor ao *mainstream*? Vamos tentar esclarecer estes pontos nas linhas que se seguem, recorrendo às contribuições de Dequech (2007), Davis (2006) e Colander, Holt e Rosser (2004).

I.3.1 – O conceito de ortodoxia e a escola neoclássica

Muito se fala sobre a *ortodoxia* na ciência econômica. Curiosamente, esta divisa entre ortodoxia e heterodoxia costuma ter maior acolhimento em meios heterodoxos. Um economista que se considera heterodoxo naturalmente está se posicionando contrariamente ao que podemos chamar de ortodoxia. Mas este também costuma ser um termo muito vago, de forma que a única pista que costumamos ter sobre seu significado vem da oposição afirmada pela heterodoxia. Será possível encontrarmos alguma definição mais precisa para este conceito?

A ortodoxia é primariamente uma categoria intelectual: “A ortodoxia geralmente se refere ao que os historiadores do pensamento econômico classificaram como a mais recente escola de pensamento dominante” (COLANDER et al, 2004, p. 490). Devemos observar que o conceito de ortodoxia de Colander, Holt e Rosser também possui um aspecto sociológico, pois se refere ao termo “dominante”, inferindo que a ortodoxia possui alguma característica de prestígio e influência. Ao mesmo tempo, esta interpretação do significado de ortodoxia também possui um elemento intelectual, uma vez que faz referência ao termo “escola de pensamento”. Como observa Dequech de maneira perspicaz, “Embora a referência à dominação implique um aspecto sociológico, é um conjunto particular de idéias que define uma escola de pensamento.” (DEQUECH, 2007, p. 293). Podemos dizer que é um conceito que contempla as duas esferas, tanto a sociológica quanto a intelectual. Portanto, possuindo este fator de prestígio, podemos concluir que a ortodoxia *sempre* participa do *mainstream*.

Vemos que esta definição de ortodoxia não possui nenhuma relação com o conceito de Lawson (2005). Enquanto Lawson faz uma análise da ortodoxia a partir de fundamentos ontológicos, as visões de Dequech (2007) e de Colander et al (2004) se limitam a afirmar que o termo ortodoxia se refere a uma determinada escola de pensamento em um certo momento do tempo.

Há dois aspectos importantes na origem das ortodoxias que devem ser ressaltados. De uma maneira geral, a ortodoxia sempre recebe este nome a partir de uma perspectiva retroativa. Em outras palavras, é um conceito que é dado “olhando para trás”. Dificilmente uma ortodoxia receberá este nome no exato momento em que passar a dominar o *mainstream*. De acordo com Colander et al:

“... o nome e a caracterização do que é considerado ortodoxo geralmente vem décadas depois da época em que uma ortodoxia supostamente existiu; Na época em que é uma verdadeira ortodoxia, ela geralmente não tem esse nome. Assim, as caracterizações sobre a ortodoxia são, inevitavelmente, retrospectivas, não são atuais ou voltadas para o futuro”. (COLANDER et al, 2004, p. 491)

Além disso, o termo *ortodoxia*, em geral, é cunhado por algum opositor destas ideias dominantes. Como dissemos anteriormente, a ortodoxia quase sempre está vinculada a alguma contestação realizada pelos meios que se afirmam heterodoxos⁴.

Enfatizando o caráter extremamente dinâmico da produção da ciência econômica, Colander et al (2004, p. 491) acreditam que uma definição estática da ortodoxia não condiz com a realidade que encontramos no desenvolvimento da pesquisa econômica. Para estes autores, dar o rótulo de ortodoxia a escolas de pensamento com as quais não se concorda é apenas uma estratégia por parte dos críticos para tornar mais fácil o seu ataque às bases destas supostas ortodoxias. Além disso, no momento em que este termo é cunhado para condenar uma determinada escola de pensamento, grande parte dos economistas do *mainstream* já discorda de questões importantes em relação ao que é chamado de ortodoxia. Desta forma, o termo ortodoxia acaba tendo um significado muito mais político e estratégico⁵.

No momento presente, a escola de pensamento econômico que deve receber a alcunha de ortodoxa é a escola neoclássica (COLANDER et al, 2004; DEQUECH, 2007). A importância de delimitarmos corretamente os conceitos de *neoclássico*, *ortodoxia* e *mainstream* vem da necessidade que temos de contrapor de maneira assertiva a atual ortodoxia e o atual *mainstream*.

A definição de economia neoclássica não é tão simples de abarcar, uma vez que este termo pode ser utilizado de diversas maneiras e em contextos bastante diversos. De uma maneira aproximada, a escola neoclássica de economia pode ser caracterizada como uma análise econômica que enfatiza o comportamento otimizador e racional dos agentes, num contexto estático e de equilíbrio resultante deste

⁴ Como afirmam Colander et al, “em Economia pelo menos, o nome para a escola ortodoxa geralmente vem de um dissidente, que se opôs a ideias ortodoxas, e não de um partidário das ideias ortodoxas. (COLANDER et al, 2004, p. 491).

⁵ Alguns autores, como Sent (2006), defendem que, em grande parte, a demanda das escolas heterodoxas por um maior pluralismo e participação no *mainstream* possui, no fundo, um aspecto estratégico. No fim das contas, o desejo dos heterodoxos seria trocar um monopólio de ideias por outro. Parte desta estratégia passaria por criar esta conotação deturpada do termo *mainstream*.

comportamento otimizador (COLANDER et al, 2004). Além disso, uma característica distintiva da escola neoclássica é a sua preferência pelo método axiomático-dedutivo como ferramenta de análise.

A escola neoclássica, embora ainda tenha muito prestígio e influência, não pode ser considerada a totalidade do *mainstream* (DAVIS, 2006). Mas se a atual ortodoxia não é o *mainstream*, quais são as outras escolas pensamento que participam deste quadro sociológico? Indo além, quais são os elementos de prestígio considerados no *mainstream* atual? Para respondermos a estas questões, devemos investigar como o conceito de heterodoxia se apresenta dentro deste contexto onde definimos a ortodoxia e o *mainstream*.

I.3.2 – A heterodoxia como parte do *mainstream*

Resumidamente, a conclusão que chegamos até aqui é a de que a ortodoxia é sempre *mainstream*, mas nem todo o *mainstream* é ortodoxo. Se a ortodoxia não é todo o *mainstream*, mas a ortodoxia faz parte do *mainstream*, logo, há eventualmente algo no *mainstream* que não é necessariamente ortodoxia. Mas como definimos os programas de pesquisa que se encontram nesta categoria? São chamados de heterodoxos? São novas características da ortodoxia? Como coloca Dequech, “A pergunta complicada é a seguinte: como se classifica aquela parte da economia *mainstream* que se permite ser diferente da ortodoxia? Isso também faz parte da economia heterodoxa? Como resultado, parte da economia heterodoxa é *mainstream*?” (DEQUECH, 2007, p. 293-294).

Uma maneira simples de definir a heterodoxia é pelo viés negativo. Contrariamente ao que propõe Lawson (2005), que as diversas tradições heterodoxas possuem uma unidade interna num nível ontológico, o conceito negativo nos abre duas opções: (1) heterodoxia como tudo aquilo que não é ortodoxia; e (2) heterodoxia como tudo aquilo que não é *mainstream*. De acordo com Colander et al (2004, p. 491), a heterodoxia “[...] é geralmente definida em referência à ortodoxia, significando ser ‘contra a ortodoxia’”. Um aspecto importante a ser ressaltado na definição da heterodoxia, em oposição à ortodoxia, é que isto abre espaço para definirmos parte do *mainstream* como heterodoxo. Além disso, na visão que opõe heterodoxia à ortodoxia, podemos notar que não existe a necessidade de um traço

distintivo unificador de todas as heterodoxias⁶. Colander et al (2004, p. 492) afirmam que, mais do que possível, a unidade intelectual das escolas heterodoxas *não ocorre de fato*. Podemos observar que são noções frontalmente diversas da posição de Lawson.

I.3.3 – A heterodoxia como oposição ao *mainstream*

No entanto, a definição de heterodoxia possui um claro viés sociológico. Segundo os Colander et al: “Um auto-identificado economista heterodoxo também acaba por se definir como fora do *mainstream*.” (COLANDER et al, 2004, p. 491). Este *insight* sobre o atributo sociológico da heterodoxia pode nos ajudar a compreender mais profundamente a natureza do projeto heterodoxo. Como já vimos anteriormente, não há uma equivalência *a priori* entre os termos *ortodoxia* e *mainstream*. Com isso, é possível que economistas que se encontram no *mainstream* não concordem e critiquem certos elementos da ortodoxia.

Mas como existe este componente sociológico na heterodoxia, pode ser que cheguemos à conclusão de que a heterodoxia é, acima de tudo, uma discordância em relação ao que é considerado um elemento de prestígio do *mainstream*. Podemos inferir que os critérios de prestígio na heterodoxia são outros. Nas palavras de Colander et al: “Uma vez que muitos economistas *mainstream* também não aceitam aspectos importantes da ortodoxia, a característica adicional que determina um economista heterodoxo é social; Os economistas heterodoxos se recusam a trabalhar no *framework* da economia *mainstream*.” (COLANDER et al, 2004, p. 491).

Desta maneira, a economia heterodoxa seria definida pela característica de possuir menos prestígio do que o *mainstream*. Dequech (2007, p. 295) sugere que esta visão de heterodoxia ficaria mais clara com a utilização do termo *nonmainstream*. Assim, a heterodoxia seria um corpo composto por diferentes escolas de pensamento, unidas pelo fato de não possuírem prestígio na academia, em oposição à ortodoxia e sem a necessidade de existir um elemento intelectual comum em todos estes diferentes projetos de pesquisa.

⁶ Sobre esta questão, Dequech nos diz: “Ao contrário da economia ortodoxa, a economia heterodoxa como uma categoria intelectual não tem necessariamente características metodológicas, teóricas ou políticas que sejam aceitas por qualquer dissidente da ortodoxia em qualquer ponto do tempo.” (DEQUECH. 2007, p. 294).

Dequech também aponta que esta conceituação da heterodoxia realizada por Colander, Holt e Rosser pode possuir alguns problemas. Um deles é que um economista que se declara heterodoxo não necessariamente vai se opor a tudo o que é realizado no *mainstream*. Além disso, economistas que fazem parte do *mainstream* podem se declarar heterodoxos (DEQUECH, 2007, p. 296). Este é o problema de tentarmos criar uma definição objetiva cuja origem do conceito está em opiniões subjetivas. De qualquer maneira, poderíamos argumentar que, baseados na concepção de que são as *ideias* que possuem prestígio, não as *pessoas*, a opinião de um economista acerca de sua própria classificação torna-se irrelevante para a nossa definição baseada no prestígio, uma vez que pessoas podem possuir um grande número de diferentes ideias, cada uma delas possuindo seu prestígio específico.

I.3.4 – As origens dos programas de pesquisa heterodoxos

Uma visão alternativa que nos remete à concepção da heterodoxia como o campo de pesquisa paralelo à ortodoxia e podendo fazer parte do *mainstream* é a que encontramos em Davis (2006). A essência da posição de Davis aponta para o fato de que há uma dinâmica intrínseca no que se refere ao que pode ser considerado como *ortodoxia* e *heterodoxia*. Segundo Davis (2006, p. 25), há dois critérios pelos quais podemos julgar um determinado programa de pesquisa como ortodoxo ou heterodoxo: *origem* e *orientação*.

As heterodoxias e as ortodoxias são caracterizadas pelo que podemos chamar de *origin stories*. De acordo com Davis (2006, p. 24), há quatro diferentes modos pelos quais uma abordagem ortodoxa ou heterodoxa se *originam* como ortodoxia ou heterodoxia. No caso de uma perspectiva heterodoxa, sua emergência pode ocorrer das seguintes formas:

- 1) Insucesso em se tornar ortodoxia após um período de pluralismo
- 2) Perda do *status* de ortodoxia quando uma nova ortodoxia surge
- 3) Insucesso em redirecionar a ortodoxia a partir de programas de pesquisa de fora da ortodoxia
- 4) Insucesso em redirecionar a ortodoxia a partir de programas de pesquisa de dentro da ortodoxia

Por sua vez, as *origin stories* da ortodoxia são os casos de sucesso dentro do

framework apresentado acima.

Embora Davis não faça destaque para este aspecto, está implícita na sua noção de *origin stories* o caráter *plural* do ambiente que permite a existência simultânea de diversos tipos de teoria. Considerando o *mainstream* da forma como definimos anteriormente, podemos observar que este *framework* de Davis contempla a possibilidade de coexistência entre teorias ortodoxas e heterodoxas em um determinado momento do tempo. Esta dinâmica de variação constante entre ortodoxia e heterodoxia mostra que há a possibilidade de existir algo diferente da ortodoxia no *mainstream*.

Além disso, há o aspecto da orientação. Este é segundo elemento definidor de uma heterodoxia ou ortodoxia, no qual é levado em conta o direcionamento da investigação de um certo programa de pesquisa. A orientação pode se dar tanto em direção ao *core* da ciência econômica quanto em relação à sua periferia. Nas palavras de Davis:

“Usando uma simples distinção estrutural entre ortodoxo e heterodoxo como uma entre núcleo e periferia, sugiro que as abordagens heterodoxas orientam-se para dentro ou para fora, isto é, para o núcleo ortodoxo do campo ou para longe dele para a periferia do campo, onde nós encontramos os limites do campo e os pontos de contato com outras ciências.” (DAVIS, 2006, p. 25).

A partir destes dois aspectos, podemos compreender por uma outra ótica a dinâmica das definições de ortodoxia e heterodoxia. Com isso, podemos concluir que “a economia heterodoxa é heterogênea, então, porque diferentes abordagens diferem no modo como combinam diferentes histórias de origem e diferentes orientações.” (DAVIS, 2006, p. 25).

Utilizando esta ótica de Davis, vamos analisar alguns programas de pesquisa que surgiram pós-1980 e que atualmente são considerados como parte do *mainstream* da ciência econômica. Vamos pegar como exemplo a Economia Comportamental (*Behavioral Economics*), que tem como um de seus grandes representantes o Prêmio Nobel de 2002, Daniel Kahneman. Devemos classificá-la como ortodoxia ou heterodoxia? Pelo *framework* de Davis, a Economia Comportamental deve ser considerada como uma vertente *heterodoxa*, uma vez que este programa de pesquisa

tem como origem um campo de pesquisa *fora* da Economia, no caso, a Psicologia⁷.

A visão de Davis nos dá uma alternativa para classificarmos o corpo de projetos de pesquisa heterodoxos que participam do *mainstream*. Em adição, Davis nos diz que existem dois tipos de heterodoxia: uma heterodoxia mais tradicional, que não participa do *mainstream* e uma *nova heterodoxia*, que importa princípios de fora da ciência econômica em seus programas. Por sua vez, quando analisamos esta nova heterodoxia à luz do critério de origem, vemos que ela se enquadra no cenário 3 (insucesso de redirecionar a ortodoxia por programas de fora da ortodoxia). É importante notar que o termo insucesso está sendo utilizado para indicar que a Economia Comportamental ainda não conseguiu reorientar efetivamente a ortodoxia, não que houve um fracasso definitivo desta tentativa. Pelo critério da orientação, observamos que estes novos programas possuem um posicionamento em direção ao *core* da economia (DAVIS, 2006). Em outras palavras, são programas que conseguem se relacionar e dialogar com a ortodoxia vigente. Em oposição, a heterodoxia tradicional costuma possuir uma orientação em direção à periferia, o que pode criar problemas de comunicação entre este tipo de heterodoxia e as posições ortodoxas.

I.3.5 – A heterodoxia e o formalismo matemático

Mas se, como vemos, estes programas da nova heterodoxia fazem parte do *mainstream*, qual é o elemento de prestígio que estas escolas possuem que permitem que elas façam parte do seleto grupo da elite do pensamento econômico? Nas palavras de Dequech: “Talvez a característica menos controversa que se pode identificar como sendo comum a todas as abordagens que pertencem à atual economia *mainstream* é uma forte ênfase na formalização matemática.” (DEQUECH, 2007, p. 288).

O ponto de conflito entre a elite do *mainstream* e os pesquisadores *nonmainstream* se dá em relação ao *método*. Se um determinado programa de pesquisa não utiliza modelos, então não pode ser considerado economia na visão do *mainstream*⁸. Como nos dizem Colander et al:

⁷ Neste sentido, Davis nos diz que “o ponto principal [...] é que o que entrou na ciência econômica a partir de outras ciências não pode ser considerado ortodoxo, pelo menos inicialmente.” (DAVIS, 2006, p. 26)

⁸ Mesmo sabendo de suas limitações, a questão dos modelos é de suma importância para alguns autores. Segundo eles, são os modelos que conferem o *status* de ciência à Economia. Como nos diz Rodrik: “Modelos são a força da Economia e seu calcanhar de Aquiles; são também o que fazem da

“... a elite atual é relativamente aberta quando se trata de novas ideias, mas bastante fechada quando se trata de metodologias alternativas. Se não é modelado, não é economia, não importa o quão perspicaz seja. É aqui que a economia heterodoxa e a elite *mainstream* normalmente colidem. Especificamente, é por causa de seu método, e não de suas idéias, que a maioria dos heterodoxos se encontram definidos fora do campo pela elite.” (COLANDER et al, 2004, p. 493).

Desse modo, podemos notar que não existe necessariamente um fechamento do *mainstream* em relação ao conteúdo das diversas ideias⁹. O que é caro ao *mainstream* é a utilização do ferramental matemático. Como diz Dequech (2007, p. 288) é “[...] a crença de que o trabalho acadêmico na ciência econômica deve empregar modelos formais e matemáticos (que muitos economistas chamam simplesmente de modelos) ou estruturas”.

Curiosamente, é esta *feature* de formalização matemática que Lawson classifica como o ponto em comum do que o autor considera como ortodoxia. Dequech e Colander, Holt e Rosser também consideram o formalismo matemático como um bom candidato a elemento unificador, mas do *mainstream*, não apenas da ortodoxia. Embora estes autores possuam suas divergências, especialmente em relação à explicação ontológica de Lawson sobre a natureza da heterodoxia, é possível encontrarmos esta característica compartilhada em suas observações. De fato, a questão do uso da matemática como ferramenta de estudo na economia parece ser um ponto central e característico de nossa ciência nos dias de hoje.

O debate acerca das questões expostas acima é extremamente amplo e não pode ser esgotado em sua plenitude dentro do escopo pretendido por esta monografia. Mas acreditamos que conseguimos delinear os principais pontos dessa questão tão controversa envolvendo os termos *ortodoxia*, *heterodoxia* e *mainstream*. Este debate possui muitos desdobramentos, inclusive político-ideológicos, mas este não é o foco deste trabalho. O mais importante, acreditamos, foi trazer à tona o assunto e responder a algumas questões sobre metodologia, programas de pesquisa e sociologia do conhecimento.

Como pudemos observar, o campo da ciência econômica é permeado por uma infinidade de teorias, muitas delas concorrentes, mas que convivem no ambiente de

Economia uma ciência - não uma ciência como a física quântica ou a biologia molecular, mas uma ciência, no entanto.” (RODRIK, 2015, p. 5)

⁹ No Capítulo III, veremos esta questão com mais detalhes em Dow (2008).

debates da academia. Podemos dizer que vivemos um momento de *pluralismo*. No próximo capítulo, vamos analisar o pluralismo na ciência em geral. Existem diversas concepções de pluralismo e compreendê-los pode nos ajudar a esclarecer alguns pontos importantes como os critérios de validade de teorias e como se desenvolvem as situações onde ocorre o fenômeno do pluralismo.

CAPÍTULO II – QUESTÕES FUNDAMENTAIS SOBRE O PLURALISMO

No segundo capítulo, realizaremos a abordagem específica do assunto do *pluralismo*. Diversos cientistas e filósofos se debruçaram sobre esta questão ao longo da história da ciência e da filosofia. Primordialmente, existe nesta iniciativa uma preocupação com a validade dos critérios utilizados para verificar se um determinado método ou teoria são adequados ao propósito desejado pelo cientista ou filósofo. Além disso, há questões envolvendo o problema da validade ou inadequação das diversas teorias. O que se percebe é que estes critérios de validação são bastante complexos e requerem uma investigação própria sobre sua conveniência. Resumidamente, a ideia de pluralismo na ciência surge da imensa dificuldade de abarcar a prática científica em apenas um *framework* de investigação. Temas como os desdobramentos desta noção para a ciência, a comparação com a posição *monista*, além das vantagens e desvantagens da prática pluralista serão abordados nas linhas que se seguem. Embora o conceito de pluralismo seja mais amplo do que os assuntos pertinentes às próprias ciências, é importante que tenhamos em mente que esta análise tem como objetivo primário o entendimento do fenômeno do pluralismo na ciência econômica.

II.1 – A perspectiva monista

Começemos pela interpretação monista da ciência. O monismo é um posicionamento que advoga a ideia de que o objetivo último da ciência é formular uma descrição completa e final da realidade. Esta explicação única e definitiva também deve ser baseada num conjunto de princípios de investigação fundamentais, isto é, devemos adotar práticas padronizadas, únicas e completas para chegar a esta teoria final e imutável¹⁰.

O monismo se fundamenta na doutrina do *Realismo Metafísico*. Este conceito prevê que a realidade possui uma estrutura independente e objetiva, à qual corresponde uma única descrição correta. Portanto, a epistemologia não influencia na maneira como o mundo se apresenta. O mundo é como é. É este princípio que garante ao monismo a possibilidade de encontrarmos a teoria única e completa. Pela

¹⁰ É importante ressaltar que o monismo não presume que seja possível chegarmos a uma teoria final. No entanto, ele acredita que nossos esforços devem estar orientados a este objetivo.

perspectiva monista, os esforços de investigação científica fatalmente nos levarão ao que se pode chamar de “*A teoria verdadeira*”.

Para atingirmos este ideal, ainda que na forma de aproximações sucessivas, esta perspectiva também prevê a existência de um *monismo metodológico*. Isto significa que há um conjunto de práticas e procedimentos metodológicos que nos garantem a evolução e melhoria das atuais teorias aceitas em direção à formulação da desejada teoria final e completa. Desta forma, vemos que o monismo pleno é exigido em todos os níveis da investigação, desde o metafísico até o da teoria propriamente dita.

De acordo com Kellert et al (2006, p. x), o monismo pode ser caracterizado a cinco princípios básicos. O primeiro é o princípio definidor do monismo. Este nos diz que o objetivo último de uma ciência é estabelecer uma única, completa e abrangente explicação sobre o mundo baseada num conjunto único de princípios fundamentais. O segundo princípio postula que a natureza do mundo é de uma tal forma que é possível descrevê-lo completamente através desta explicação única. O terceiro princípio se refere à noção de que existem certos métodos de investigação que, se forem seguidos corretamente, nos levarão a esta explicação única. Com isso, o quarto princípio afirma que os métodos de investigação deve ser aceitos ou rejeitados em função do seu sucesso em contribuir para a formulação desta explicação única. Por fim, o quinto princípio nos diz que as teorias científicas devem ser avaliadas em função da possibilidade de proporcionar esta explicação completa.

De acordo com o que vimos anteriormente, podemos dizer que existem três níveis básicos onde o monismo ou o pluralismo podem operar. O primeiro nível é o nível metafísico ou ontológico, onde analisamos a pertinência de utilizarmos uma única premissa metafísica ou de nos tornarmos mais abertos a uma multiplicidade de premissas. Em outras palavras, a posição pluralista nos diria que não devemos aceitar *a priori* uma premissa metafísica como correta. O segundo nível trata dos métodos que devem ser utilizados numa investigação. Como vimos, o ideal monista prevê a existência de um corpo único e correto de práticas que nos auxiliam na busca pela teoria final. Já o pluralismo pode também ser aplicado nesta esfera, apontando para uma variedade de métodos válidos para progredirmos no nosso conhecimento de uma

determinada matéria. Por fim, temos o terceiro nível, que trata das teorias propriamente ditas.

O monismo no nível da teoria é compatível com o que podemos chamar de *pluralismo modesto* (KELLERT et al, 2006). Este ponto de vista nos diz que a existência de diversidade nas práticas metodológicas e no nível teórico são saudáveis, uma vez que o mundo é composto pelas mais variadas facetas, requerendo abordagens distintas para lidarmos com a complexidade que se apresenta ao investigador científico. No fundo, esta visão conserva o pressuposto metafísico do monismo, de que esta variedade de abordagens e teorias é apenas um estágio temporário. Além disso, esta perspectiva mais branda do pluralismo também afirma implicitamente o ideal de encontrarmos a teoria única e verdadeira. Desta forma, a premissa que sustenta a visão monista, a saber, a concepção de que podemos conhecer a natureza do mundo *a priori*, se mantém intacta.

Desta forma, embora o monismo tenha como fundamento a busca por uma teoria unificada, é possível conceber um ambiente de pesquisa monista onde diversas teorias coexistam. A diferença essencial entre a noção monista e a pluralista neste aspecto é que *esta não considera a existência de uma variedade de teorias como uma falha do programa de pesquisa, enquanto aquela acredita que a multiplicidade de teorias existe apenas de forma temporária, sempre tendendo a uma síntese unificadora*. Veremos mais detalhes sobre estes pontos na próxima sessão, onde discutiremos mais detalhadamente o pluralismo.

II.2 – A justificativa da postura pluralista

Queremos apresentar o pluralismo como uma perspectiva para o progresso e a diversificação do conhecimento em um determinado campo de estudo. As visões pluralistas buscam um aprofundamento do conhecimento dentro de áreas de investigação já consideradas maduras e com pressupostos imutáveis. Na prática, o pluralismo funciona como uma abertura para conhecer aquilo que se julga como “caso encerrado” em termos de investigação científica.

Segundo a visão de Kellert, Longino e Waters (2006), a posição pluralista adota uma postura um pouco mais parcimoniosa se comparada à visão monista. O pluralismo se baseia na ideia de que *não é possível ter certeza* sobre a veracidade das

afirmações monistas e manifesta um ceticismo em relação a doutrinas metafísicas a priori. Não é uma perspectiva que primordialmente afirma fundamentos, mas que salienta a dúvida em relação a determinadas certezas e declara a impossibilidade de afirmarmos as premissas do monismo. Como nos dizem Kellert et al: “Como pluralistas, não assumimos que o mundo natural não pode, em princípio, ser completamente explicado por uma única descrição; Em vez disso, acreditamos que se pode ser assim explicado é uma questão empírica e aberta.” (KELLERT et al, 2006, p. x). Desta maneira, não existindo uma resposta definitiva sobre questões metafísicas, o pluralismo surgiria como uma posição mais aberta à investigação científica.

A afirmação da impossibilidade de conhecermos *a priori* a natureza das coisas e, com isso, garantirmos a adequação de uma forma única de explicar um fenômeno é o pilar que sustenta a crítica pluralista ao monismo. Em outras palavras, o pluralismo entende-se como uma doutrina antimetafísica. Como afirmam Kellert et al: “Tratando este princípio do monismo como uma questão aberta e não como uma verdade metafísica mina os outros princípios do monismo.” (KELLERT et al, 2006, p. x). Com isso, o pluralismo se opõe ao segundo princípio do monismo exposto na sessão anterior. Sem sabermos do que se constitui a natureza das coisas, não podemos afirmar que existe uma e apenas uma abordagem científica válida.

Como explicaremos mais adiante, a posição pluralista é essencialmente empírica. Mas também podemos abordar o pluralismo a partir de uma perspectiva mais abstrata. Segundo Kellert et al: “O pluralismo pode ser motivado com base em considerações abstratas: todas as representações são parciais e em qualquer representação devemos selecionar um número limitado de aspectos de um fenômeno (caso contrário não representaria, mas duplicaria).” (KELLERT et al, 2006, p. xv). Todos os estudos realizados pelas ciências em torno de um determinado fenômeno só dizem respeito a uma pequena fração do objeto. Em outras palavras, as ciências trabalham com *representações* ou *modelos*. A natureza destes estudos deve ser vista inerentemente como parcial, nunca chegando a abarcar o todo. Com isso, a própria essência da investigação científica exigiria uma posição pluralista, uma vez que cada ciência termina por focar o estudo de apenas alguns aspectos que compõem o fenômeno.

Conforme dito anteriormente, o monismo é a pressuposição de que todas as

diferentes explicações corretas para um fenômeno podem ser reduzidas a uma explicação única, de maneira que é possível concebermos um sistema fechado de teorias unificadas onde todas estas explicações corretas estão englobadas. Há uma distinção essencial entre esta afirmação monista e a noção abstrata de pluralismo. Conforme assinalado por Kellert et al: “A pluralidade de representações e abordagens na ciência é sustentada pela complexidade da natureza, pelo emprego de modelos de representação altamente abstratos e pela diversidade de metas investigativas, representacionais e tecnológicas.” (KELLERT et al, 2006, p. xv). Na posição pluralista, há um foco na questão da complexidade da realidade que parece estar ausente das preocupações monistas.

Tendo em vista que não podemos afirmar como se compõe a natureza das coisas, o projeto pluralista nos diz que devemos analisar a necessidade das ciências caso a caso. Um bom exemplo sobre esta dificuldade de encontrarmos esta resposta metafísica definitiva sobre a natureza está exposto no trabalho de Giere (2006), que argumenta na direção do que se define como *pluralismo perspectivo*.

Giere nos explica esta ideia tomando como exemplo o caso dos sistemas visuais. Estudos sobre a visão indicam que existem diferentes padrões de percepção visual, tanto em relação a seres humanos quanto a outros animais. Alguns seres humanos, inclusive, possuem uma visão dicromática, enquanto outros sequer possuem cones em seu aparelho visual, o que resulta numa visão do mundo em preto e branco¹¹. Desta maneira, Giere afirma que “[...] não há maneira direta de afirmar que uma perspectiva, digamos a perspectiva colorida, seja objetivamente correta ou, em certo sentido, única e verdadeiramente verídica, enquanto a perspectiva em preto e branco é incorreta ou não verídica.” (GIERE, 2006, p. 28).

Um dos pontos centrais de nossa discussão sobre o pluralismo é o entendimento do que significa a existência de uma multiplicidade de teorias e métodos dentro de uma mesma ciência. Para o ponto de vista monista, a coexistência de múltiplas teorias é considerada um momento *instável* do progresso científico. Em

¹¹ No entanto, por mais que não seja possível dizer que existe uma perspectiva correta, podemos reconhecer que existem perspectivas que são mais ricas em certos aspectos do que outras (KELLERT et al, 2006).

outras palavras, podemos dizer que o pluralismo é considerado um *erro*, que será necessariamente corrigido com o desenvolvimento natural da prática científica. Como nos dizem Kellert et al:

“As pluralidades identificadas nos estudos de caso podem ser interpretadas de forma diversa. Um monista ou um pluralista modesto vai tratá-las como temporárias - como etapas no caminho para um tratamento unificado dos fenômenos - ou como passos para uma resolução abrangente que fornecerá a cada caso uma única e melhor maneira de explicá-lo.” (KELLERT et al, 2006, p. xviii).

O enfoque pluralista se opõe a ideia de que a multiplicidade de teorias e práticas seja considerada uma falha ou uma situação necessariamente transitória. Como vemos em Kellert et al: “Filósofos que defendem o monismo ou o pluralismo modesto temem que tolerar qualquer forma mais forte de pluralismo é equivalente a tolerar a contradição.” (KELLERT et al, 2006, p. xx). Os pluralistas sustentam que não é este o caso. As perspectivas pluralistas podem estar de acordo com os padrões da prática da boa ciência. O pluralismo não é uma justificativa para o relativismo.

II.3 – Vantagens do pluralismo

Além do aspecto metafísico-empirista, há uma questão utilitarista na justificativa para adoção do pluralismo como princípio da investigação científica. O pluralistas afirmam que a prática do monismo não se traduz numa mera oposição ao pluralismo. Não se trata apenas de uma diferença de opinião. Ao contrário, o monismo pode causar diversos prejuízos na busca do conhecimento científico. De acordo com Kellert et al: “Uma abordagem pluralista defende que tais decisões sejam tomadas em bases empíricas, caso a caso, pragmáticas e não na base de uma suposição geral” (KELLERT et al, 2006, p. xxi). Desta maneira, em termos práticos, o monismo pode constituir barreiras desnecessárias à investigação científica. A alternativa a esta determinação *a priori* é deixar em aberto a possibilidade para o cientista escolher a prática que mais lhe parece adequada a cada caso.

Seguindo a abordagem utilitarista, a adoção do pluralismo nos leva a algumas consequências importantes sobre certos aspectos práticos da ciência. Em especial, podemos citar o aspecto da *orientação* da investigação. Num ambiente monista, a solução das controvérsias deveria ser orientada na direção do encontro dos pontos em comum entre as diversas teorias. Conforme Kellert et al:

“Os pluralistas podem ver a pluralidade no contexto local de uma controvérsia científica como refletindo a natureza complexa e multifacetada dos processos. Um monista vai olhar para o mesmo caso de pluralidade e alegar que os cientistas nesta situação local, como cientistas em todos os contextos locais, devem ser guiados pelo objetivo universal de descobrir a explicação abrangente dos processos que estão sendo investigados”. (KELLERT et al, 2006, p. xxv).

A posição pluralista também se opõe ao que podemos chamar de *método do contra-exemplo*. A posição pluralista afirma que não é possível considerarmos que um determinado conceito abstrato sempre servirá como base para julgarmos se uma teoria deve ou não ser aceita. Isto inclusive se aplica a questões de meta-ciência. Nas palavras de Kellert et al:

“Filósofos não devem assumir que a natureza da ciência é tal que pode ser compreensivamente explicada por um único conjunto de conceitos que capturam os fundamentos da ciência. Isso significa, por exemplo, que a suposição de que exista algo abstrato como, "explicação científica", pode estar errada.” (KELLERT et al, 2006, p. xxvi).

O pluralismo não afirma que tais categorias básicas não existam, apenas que esta questão deva ser deixada em aberto. Desta forma, o descarte de uma teoria simplesmente por não utilizarmos o método dos contraexemplos não seria a atitude correta.

Em sintonia com a proposta de uma busca por uma adequação empírica do pluralismo, podemos notar que, analisando os casos específicos das ciências e suas necessidades metodológicas, é mais provável que o mundo seja da maneira como afirmam os pluralistas do que da hipótese monista. Como nos dizem Kellert et al:

“... a ciência fornece boas evidências de que o mundo é de tal maneira que não será totalmente explicado com base em descrições teóricas abrangentes que identificam todos os elementos essenciais de qualquer fenômeno dado. Parece que algumas partes do mundo (ou situações no mundo) são *de tal forma* que uma pluralidade de explicações ou abordagens serão necessárias para responder a todas as perguntas que temos sobre essas partes ou situações.” (KELLERT et al, 2006, p. xxii).

Este parece ser o caso das ciências sociais, grupo no qual a ciência econômica estaria incluída. Em nosso campo de estudo, o mundo se apresenta de uma forma extremamente complexa, onde diversos processos são influenciados por uma

infinidade de fatores causais. Há uma interação bastante intrincada de aspectos que não são passíveis de serem abordados apenas por um método ou teoria. A prática tradicional da ciência econômica sugere que o pluralismo é um elemento de presença constante no desenvolvimento desta área. A complexidade do fenômeno econômico pode ser a explicação para a grande quantidade de abordagens que encontramos no estudo da Economia.

Com isso, vemos que esta questão do pluralismo, muito além de uma questão de pressupostos metafísicos, pode tomar um contorno de uma *atitude* que deve guiar a prática dos cientistas. Esta é a visão de Chang (2012) acerca do pluralismo. Nesta concepção, as noções de realismo e realidade não são encaradas por um viés metafísico, referindo-se pressupostos ontológicos irrefutáveis. A grande maioria dos filósofos da ciência encara o conceito de realidade como intrinsecamente ligado a questões de encontrarmos a *verdade* sobre um determinado objeto de estudo.

Chang defende que os cientistas devem se expor ao máximo à complexidade da realidade para adquirem o maior conhecimento possível desta experiência. O realismo científico ganha uma perspectiva ética, não se relacionando com investigações e reflexões metafísicas. Desta maneira, o autor afirma que “[...] ‘realismo científico’ deve significar uma postura científica que nos obriga a expor-nos à realidade, ao invés de termos alguma arrogância metafísica sobre como obter ou ter obtido a verdade objetiva.” (CHANG, 2012, p. 217).

Chang caracteriza esta posição como um *realismo ativo*. Esta proposta não deve ser confundida com o que se entende por *empirismo*, embora sejam perspectivas semelhantes. Há uma diferença de ênfase entre estes dois conceitos. Segundo Chang:

“O empirismo é às vezes tomado como uma doutrina passiva ou defensiva, enfatizando que a única fonte de conhecimento que podemos ter é a experiência e que devemos evitar tratar outras coisas como fontes legítimas de conhecimento; Isso por si só não envolve a recomendação sobre que tipo de experiência e quanto dela devemos tentar ter. Mas eu acho que o espírito real do empirismo é ativo, como é o realismo como quero dizer; ambas as doutrinas recomendam que procuremos o contato com a realidade, tanto quanto possível, e de forma a maximizar nosso aprendizado” (CHANG, 2012, p. 217).

Portanto, o pluralismo deve ser encarado como uma *ideologia*, um propósito pelo qual os cientistas devem guiar os seus esforços de investigação. Segundo Chang, “[...] o pluralismo na ciência é um compromisso em promover a presença de múltiplos

sistemas de conhecimento científico.” (CHANG, 2012, p.260). O destaque está na ideia de *comprometimento*. Este deve ser o espírito que deve orientar o projeto científico. A esta ideologia, Chang (2012, p. 268) dá o nome de *pluralismo ativo normativo epistêmico*.

Com isso, conseguimos expor os principais aspectos da posição pluralista. Vimos que ela se opõe à posição monista da ciência. No entanto, vale ressaltar mais uma vez que isso não significa que a posição pluralista afirme alguma premissa metafísica. Não há nenhum impedimento *a priori* ao monismo. De acordo com Kellert et al:

“Não sustentamos, por exemplo, que todas as partes do mundo são tais que não podem ser explicadas de forma abrangente por uma única teoria. Além disso, não afirmamos que exista uma ontologia comum compartilhada por essas partes do mundo que não possa ser totalmente explicada em termos de uma única e abrangente explicação.” (KELLERT, 2006, p. xxiii).

A posição pluralista não é do tipo metafísica, mas *epistemológica*. É um método que indica como devemos conduzir a investigação científica. Segundo Kellert et al, “[...]a única maneira de determinar se uma parte do mundo exigirá uma pluralidade de contas é examinar os resultados empíricos da investigação científica sobre essa parte do mundo.” (KELLERT et al, 2006, p. xxiii). Desta forma, devemos observar que a prática da ciência em diversas áreas acaba incorrendo nesta demanda pela pluralismo. Nas próximas sessões, vamos estudar se, no momento atual, o pluralismo está presente na Economia e de que maneira ele se apresenta. Vamos investigar como o *mainstream* têm se comportado em relação à pluralidade de abordagens e teorias, recorrendo a outras explicações além da ortodoxia consagrada no presente momento.

CAPÍTULO III – O PLURALISMO NA ECONOMIA

Neste terceiro e último capítulo, vamos abordar mais detalhadamente como se dá a questão do pluralismo na ciência econômica dos dias de hoje. A totalidade da prática da pesquisa econômica abarca um amplo conjunto de abordagens metodológicas, teorias e concepções metafísicas. No entanto, será que esta riqueza de visões é bem aceita no *mainstream* econômico?

Nossa investigação na primeira sessão tentará responder a este questionamento. Alguns autores acreditam que o *mainstream*, por sua própria natureza, consegue contemplar uma multiplicidade satisfatória de pontos de vista, uma vez que *não há necessariamente* algum impeditivo intelectual à existência de diversas abordagens, já que o *mainstream* é, acima de tudo, um conceito sociológico.

Outros estudiosos acreditam que o *mainstream* não é suficientemente plural, sendo a aceitação da diversidade uma proposta que não se observa na prática. Esta crítica em geral surge nos meios considerados heterodoxos. Este será o tema da segunda sessão. Sendo mais específico, esta opinião costuma aparecer nos meios heterodoxos que não conseguem dialogar com o *mainstream*. Desta forma, há esta demanda por parte deste grupo por maior participação e acesso a instituições e meios de publicação prestigiados. Com isso, também vamos analisar as opiniões dos autores que defendem que o *mainstream* é plural e dos seus críticos sobre as tendências contemporâneas para o estudo da economia e como estas novas perspectivas se relacionam com o *mainstream*.

Desde a crise financeira de 2008, diversos economistas tentam traçar prognósticos sobre o futuro da ciência econômica. Embora o *mainstream* ainda mantenha em suas bases algumas das mesmas categorias intelectuais de prestígio do passado, o momento parece ser apropriado para experimentar novas abordagens. Autores como Fontana (2010) citam a abordagem com base na complexidade como um possível novo paradigma dominante. No entanto, eles discordam sobre o nível de transformação que a aceitação deste paradigma pode resultar. O ponto central é que a ciência econômica vive um momento de busca novas alternativas, sejam teóricas ou metodológicas, de maneira que a ortodoxia neoclássica não parece mais satisfazer às necessidades de investigação e compreensão do mundo em que vivemos. Vamos

analisar algumas questões importantes sobre este tema e tentar explorar questões relacionadas ao possível futuro de nossa ciência.

III.1 – O *mainstream* como promotor do pluralismo

Nesta primeira sessão, vamos abordar as opiniões que defendem que o *mainstream* da ciência econômica tem as características necessárias para abarcar um rico pluralismo de ideias. Em outras palavras, o *mainstream* é suficientemente plural e possui mecanismos internos de inovação, sempre estando aberto a novas ideias caso elas se mostrem relevantes para tornar cada vez melhor as explicações sobre os fenômenos econômicos. Em particular, utilizamos os trabalhos de Davis (2006) e de Colander, Holt e Rosser (2004) para compreendermos de que maneira e em qual nível o programa de pesquisa do *mainstream* se relaciona com ideias fora do seu *core* e as assimila, caso julgue que estas abordagens possuem méritos analíticos.

Diversos autores modernos têm defendido a ideia de que, desde meados dos anos 80, ocorre uma mudança relevante no *mainstream* da ciência econômica. Esta transformação tem se dado basicamente pela substituição do domínio da abordagem neoclássica por um conjunto de programas de pesquisa distintos entre si e que, naturalmente, se opõem ao cânon neoclássico (DAVIS, 2006).

III.1.1 – A fronteira do conhecimento e os mecanismos de mudança

Esta alteração no panorama da pesquisa acadêmica pode ser verificada a partir da elucidação de alguns mecanismos da prática científica. Primeiramente, devemos entender de que maneira ocorre o processo de mudança de ideias dominantes no *mainstream*. Existem, basicamente, duas práticas responsáveis por criar e promover o conhecimento na área da ciência econômica. São as práticas que caracterizam a atividade acadêmica: a *pesquisa* e o *ensino*.

Para compreendermos a evolução das ideias e para onde elas caminham, devemos analisar o conteúdo de cada um destes universos e elaborar uma explicação que consiga nos mostrar de que forma estas duas práticas se relacionam. De acordo com Davis (2006, p. 4), nós conseguimos notar que, historicamente, a direção na qual as mudanças se dão na ciência econômica geralmente ocorrem *da pesquisa para o ensino*. Desta forma, o conteúdo da prática do ensino costuma ser aquele da pesquisa

cujas ideias ganharam destaque num passado recente. Em outras palavras, o ensino sempre acompanha o que é desenvolvido anteriormente no ambiente da pesquisa.

Portanto, é totalmente possível que aquilo que é ensinado num determinado momento nas faculdades de maior prestígio seja absolutamente distinto do que é pesquisado nestas instituições. Se o ensino acompanha a pesquisa, e verificamos que ocorrem mudanças no ensino, podemos concluir que, em momentos de mudança, o conteúdo da pesquisa não será idêntico ao da instrução. Por conta disso, Davis afirma:

“... quando há diferenças entre a pesquisa econômica e a instrução - pelo menos diferenças significativas - uma mudança de direção na pesquisa da economia provavelmente sinalizará uma mudança futura na instrução da economia. Assim, não é paradoxal dizer que o neoclassicismo já não é dominante na economia como um todo, embora ainda constitua o principal direcionamento da instrução, mesmo que a economia neoclássica já não domine a pesquisa econômica.” (DAVIS, 2006, p. 5).

Com isso, se queremos saber se o *mainstream* está se tornando mais plural, devemos voltar nossa atenção para o que está ocorrendo no que chamamos de *fronteira da pesquisa*. Este conceito diz respeito aos trabalhos que possuem o conteúdo mais recente na pesquisa acadêmica. Desta maneira, podemos detectar que mudanças relevantes ocorrem na fronteira de pesquisa quando verificamos que estão surgindo, num curto espaço de tempo, uma grande quantidade de novos trabalhos (em termos qualitativos) no nível de pesquisa de doutorado (DAVIS, 2006).

Utilizando o *framework* enunciado acima, ao analisarmos a produção mais recente, observamos que os mais recentes trabalhos em nível de doutorado apresentam uma imensa variedade de projetos de pesquisa, muitos deles não tendo nenhuma relação com a ortodoxia neoclássica (DAVIS, 2006).

Defendendo a ideia de que o *mainstream* tem se tornado mais pluralista, Colander e al (2004) argumentam que devemos analisar a estrutura na qual se desenvolve a ciência econômica com um *sistema complexo*. Isto significa que o processo no qual se dão as mudanças na ciência econômica é demasiadamente complicado para ser compreendido em sua totalidade por agentes que participam deste sistema. Sistemas complexos não podem ser compreendidos a partir de premissas assumidas *a priori* e pela observação de características de algumas de suas partes isoladas.

Consequentemente, é necessário levar em consideração a dinâmica inerente a

este objeto de estudo. Quando observamos as classificações elaboradas por historiadores do pensamento econômico, notamos que a técnica utilizada por esse campo de estudo tende a estabilizar conceitos numa visão mais estática¹². Precisamos compreender a profissão econômica como uma *entidade dinâmica*. Somente por este viés conseguiremos compreender as complexidades existentes no processo de determinação das ideias dominantes.

De uma forma muito semelhante a Davis (2006), encontramos no texto de Colander et al (2004, p. 486) uma caracterização da fronteira do conhecimento e uma defesa da importância do seu estudo: “É o trabalho inovador e bem-sucedido que ocorre nos limites da profissão que sinaliza o sentido futuro da mudança na economia e como a profissão eventualmente vem a ser vista e compreendida por sua elite”. É nesta fronteira que se encontra o futuro da ciência econômica.

Esta fronteira é intrinsecamente dinâmica. Não é possível dizer que existe apenas um tipo de orientação de estudo nesta fronteira. Se é nesta área da pesquisa onde ocorre a inovação, e esta sempre tende a surgir com novas formas e conteúdos, podemos concluir que o *mainstream* não se trata de um corpo monolítico de ideias. A busca por classificações estáticas tende a não levar em conta a diversidade existente no campo da economia, além de não dar a devida importância às novas ideias que estão surgindo nestes ambientes de pesquisa ponta (COLANDER et al, 2004, p. 487).

É por conta disso que a classificação do *mainstream* utilizando o termo “ortodoxo” é imprecisa¹³. Os economistas do *mainstream* costumam possuir ideias muito variadas ao mesmo tempo. O fato de um economista tender a aceitar uma certa visão não significa que ele ignore suas fraquezas. Não apenas isto é possível, como ocorre na realidade. Realizar uma classificação imutável das ideias do *mainstream* acaba sendo uma visão míope sobre a história das ideias contemporâneas na economia. Por mais que o core do *mainstream* pareça imutável, as práticas na fronteira do conhecimento mostram que este não é o julgamento correto. Como afirmam Colander et al:

¹² Como vemos em Colander et al: “Qualquer classificação estática oculta a alteração dinâmica que ocorre por baixo dela” (COLANDER et al, 2004, p. 486)

¹³ Esta análise da fronteira do conhecimento reforça os argumentos que vimos no Capítulo I sobre as distinções entre os termos *mainstream* e ortodoxia.

“Uma grande variedade de pontos de vista aceitáveis, como surgiu na profissão nas últimas décadas, sinaliza que mudanças são prováveis no futuro. Em nossa opinião, a história interessante na economia nas últimas décadas é a variedade crescente de pontos de vista aceitáveis, embora o *core* da economia não tenha mudado muito.” (COLANDER et al, 2004, p. 487).

Como exemplo, podemos citar alguns economistas que participam do *mainstream*, como Thomas Schelling, com seu trabalho em teoria dos jogos, e Paul Krugman, que notoriamente segue linhas de pensamento que não estão de acordo com a ortodoxia neoclássica, mas que são levados em conta nas discussões do *mainstream*.

Desta forma, as classificações estáticas não devem ser confundidas com o conteúdo da própria realidade. Conforme afirmamos anteriormente, a categoria estática é um instrumento que busca dar uma compreensão histórica. A riqueza de variações de ideias e pontos de vista é um estado normal de qualquer disciplina desenvolvida. Este cenário não é muito diferente do que ocorre na ciência econômica.

Mas se existe uma variedade de ideias que participam do *mainstream* que não fazem necessariamente parte do *core* da prática econômica, como se dá o processo de mudança de paradigma em nossa ciência? Como estas ideias tidas como *outsiders* conseguem penetrar no campo das concepções consagradas? Segundo Colander et al:

“Quando certos membros da elite existente se abrem para novas ideias, essa abertura permite que novas ideias se expandam, se desenvolvam e se integrem à profissão. Neste caso, a mudança dentro da profissão pode ser aceita gradualmente, sendo introduzido "dados por dados" e "nova técnica por nova técnica", bem como "funeral por funeral". Em alguns casos, essas novas ideias vão se originar de fora do *mainstream*, daqueles que se consideram heterodoxos, mesmo se a aceitação de tais ideias levar à sua "normalização" e eliminação de serem identificados como heterodoxos.” (COLANDER et al, 2004, p. 488)

Com isso, vemos a importância das pesquisas alternativas ao *core* ortodoxo, pois é natural que toda inovação possua conteúdo distinto do que é considerado como estabelecido numa ciência. Na visão de Colander et al (2004, p. 488), o *mainstream* possui esta abertura, pois é ela que permite a expansão dos domínios intelectuais da ciência econômica, evoluindo o conhecimento numa direção que engloba um conjunto mais amplo de possibilidades de pesquisa.

No entanto, é importante ressaltar que esta mudança ocorre a partir de *dentro do mainstream*. Colander et al comparam a sua visão de mudança no paradigma da

ciência econômica¹⁴ com a noção de revolução científica de Thomas Kuhn (1970):

“Sugerimos que as mudanças, mesmo aquelas que eventualmente serão consideradas revolucionárias, muitas vezes vêm de dentro e não serão notadas por anos. A visão de Kuhn sugere que elas só podem vir de fora e são bastante aparentes quando elas ocorrem. A abordagem dinâmica de mudança dentro da profissão que estamos introduzindo aqui envolve mudanças furtivas, nas quais os advogados das novas ideias podem ganhar aceitação entre a elite da profissão e até alcançar posições de poder e proeminência em pelo menos algumas das principais instituições acadêmicas da ciência econômica. A mudança, no entanto, é tão gradual que a profissão muitas vezes não percebe que a mudança ocorreu.” (COLANDER et al, 2004, p. 489).

Os trabalhos realizados na fronteira do conhecimento costumam ser de autoria de economistas mais novos do que aqueles que criaram a ortodoxia vigente num determinado momento. Em muitos casos, estes trabalhos são de natureza claramente heterodoxa. No entanto, como nos dizem Colander et al, “[...] sua capacidade de realizar esse trabalho, e de ter seu trabalho afetando a profissão, depende da existência de pessoas cruciais nos principais estabelecimentos acadêmicos, representando o *mainstream* da economia, e que estejam abertos a considerar seriamente novas ideias.” (COLANDER, 2004, p. 489). É importante ressaltarmos a importância da influência deste grupo de elite na aceitação das novas ideias. Em outras palavras, esta elite deve sempre ter uma *atitude pluralista*, numa concepção semelhante a que enunciamos anteriormente com Chang (2012), para que este movimento possa ocorrer dentro do *mainstream*.

Não há nenhuma contradição em existirem membros desta elite de “pessoas cruciais” que aceitem a formulação novas ideias. É bem verdade que esta elite é composta pelos economistas que foram responsáveis pela alteração do paradigma anterior. Porém, é possível um cientista ser criador de uma teoria e passar a criticá-la ao longo do tempo. Além disso, esta atitude desapegada é desejada em qualquer cientista. Não seria diferente num bom economista¹⁵.

Com isso, não há necessidade de que os economistas que postulam estas novas ideias façam parte do *establishment*. No entanto, eles devem ser capazes de angariar a

¹⁴ Esta mudança gradual pode criar a impressão de que o *core* da ciência econômica permanece estático e intransponível para visões alternativas.

¹⁵ Colander et al (2004, p. 489) citam Kenneth Arrow como exemplo de cientista econômico que se enquadra na descrição feita acima: “Embora esteja associado ao que é considerada a ortodoxia neoclássica moderna, foi instrumental em introduzir a abordagem da complexidade na economia.”

atenção de economistas influentes que fazem parte das instituições de maior prestígio, procurando veicular suas novas ideias em ambientes e publicações que fazem parte do *mainstream*, de maneira a conseguir o apoio necessário, tanto social quanto financeiro, para que sua pesquisa dê frutos e levem a ciência econômica a explorar novos caminhos de desenvolvimento¹⁶.

III.1.2 – Novas abordagens e o futuro da ciência econômica

Depois de analisarmos a estrutura processual das mudanças de paradigma na ciência econômica, podemos investigar quais são as novas abordagens que começam a fazer parte do *mainstream*. A *complexidade* é o fator que caracteriza o novo trabalho que está sendo feito na fronteira da pesquisa (COLANDER et al, 2004, p. 496). Esta parece ser a visão teórica que fundamenta estes novos trabalhos. Porém, existem diversas frentes de pesquisa, cada uma delas se relacionando de uma maneira diferente a com noção de complexidade.

De acordo com Colander et al (2004, p. 496), entre essas novas abordagens que despontam na fronteira do *mainstream*, podemos citar:

- Teoria dos Jogos Evolucionária, redefinindo como as instituições se integram à análise econômica
- Economia Ecológica, redefinindo como natureza e economia estão interligadas
- Economia Comportamental, redefinindo como a racionalidade é tratada
- Teoria da Complexidade, redefinindo como podemos interpretar o conceito de equilíbrio geral
- Simulações de Computador, oferecendo formas de redefinirmos modelos e como utilizá-los
- Economia Experimental, mudando a maneira sobre como os economistas pensam o trabalho empírico

Dentro deste contexto de complexidade, há uma maior abertura a conceitos e relações com outras disciplinas. No entanto, vemos que a forma de se praticar a

¹⁶ Podemos dizer que esta capacidade de angariar apoio do *mainstream* passa necessariamente pela adoção da metodologia formalista-dedutiva. Na última parte deste capítulo, vamos investigar até que ponto o *mainstream* está disposto a assimilar ideias apresentadas fora desta perspectiva metodológica (DOW, 2008).

ciência econômica se mantém, em termos gerais, mais ou menos constante, com a utilização de modelos matemáticos mantendo intocado o seu prestígio no *mainstream*. Como nos mostram Colander et al, “[...] modelagem continua a ser o núcleo central da abordagem *mainstream*, mas a natureza dos modelos e os pressupostos subjacentes são muito mais abertos, e transdisciplinares.” (COLANDER et al, 2004, p. 496).

Esta questão da manutenção dos modelos como a forma escolhida pelo *mainstream* para tratar dos problemas econômicos possui grande importância no debate sobre a pluralidade no *mainstream*. Conforme veremos na próxima sessão, muitas das críticas à recepção do *mainstream* às novas ideias tem como foco o âmbito do método. Mesmo os autores críticos aceitam o argumento de que, de fato, existe pluralidade no nível das *teorias*. No entanto, isto não se verifica em nível metodológico. O formalismo matemático e a explicação pelo instrumental de modelos continuam a manter sua dominância na ciência econômica, por mais aberto que seu *mainstream* seja nos últimos tempos.

Colander, Holt e Rosser parecem reconhecer esta questão. No entanto, se posicionam de maneira a reconhecer que os atuais métodos utilizados pelo mais recente ortodoxia podem não ser os mais adequados instrumentos à análise do fenômeno econômico. Como afirmam os autores:

“Existe uma maior disposição [no *mainstream*] em aceitar que a parte formal da economia tem aplicabilidade limitada, pelo menos como atualmente desenvolvida. Também está muito mais disposto a questionar o *status* especial da economia sobre outros campos de investigação e a integrar os métodos de outras disciplinas em sua análise econômica.” (COLANDER et al, 2004, p. 496-497).

Na próxima sessão, vamos expor as críticas de autores que acreditam que o *mainstream* não está de fato se tornando mais plural ou, ao menos, não se mostra suficientemente plural. Isto significa que, por mais esforço que os economistas do *mainstream* façam para incluir novas ideias, o *core* da ortodoxia neoclássica se mantém intacto. Para que ocorra de fato uma revolução no *mainstream*, as mudanças precisam ser mais significativas. Alguns autores acreditam que a parte metodológica do *mainstream* permanece inalterada. Outros defendem que a abordagem da complexidade é um programa de pesquisa frontalmente distinto a tudo o que entendemos por ortodoxia, não podendo ser assimilada pelas categorias neoclássicas. Veremos a seguir os principais argumentos nestas direções.

III.2 – Críticas à capacidade pluralista do *mainstream*

Nesta última sessão do Capítulo III, vamos analisar algumas abordagens menos otimistas em relação à capacidade do *mainstream* da ciência econômica evoluir de forma verdadeiramente plural. Nos parece ser praticamente um consenso de que o *mainstream*, atualmente, comporta uma variedade de pontos de vista sobre a ciência econômica, muitas dela frontalmente opostas, o que denota de certa forma o caráter de diversidade na prática de nossa ciência. No entanto, é possível encontrar algumas críticas sobre a natureza e o alcance desta pluralidade.

Na visão de Sheila Dow (2008), o fato de que várias teorias distintas compõem o atual *mainstream* da economia não significa que exista aceitação suficiente para abordagens alternativas. Em particular, a autora aponta que o *mainstream* permanece monista em termos metodológicos, sendo plural apenas em nível teórico.

Já Fontana (2010) argumenta na direção de defesa do que podemos chamar de *abordagem da complexidade*. De acordo com a autora, por mais que o *mainstream* busque assimilar características de programas de pesquisa fundados na abordagem da complexidade, é impossível a total aderência do programa neoclássico às novas abordagens que efetivamente tratam da complexidade dos fenômenos econômicos. A isso, a autora chama de *fallacy of the oil spot dynamics* (ou “falácia da dinâmica da mancha de óleo”, em tradução livre).

III.2.1 Pequeno histórico do pluralismo no *mainstream*

Conforme vimos na sessão anterior, vivemos um momento de expansão do pluralismo no *mainstream* da ciência econômica. Ao mesmo tempo, como vimos no Capítulo I, observamos que existem diversos esforços para tentar encontrar uma unidade nos programas de pesquisa ditos heterodoxos, tentando respeitar as diversas diferenças entre as escolas de pensamento desta linha de pesquisa.

É bem verdade que o tema do pluralismo sempre recebeu mais atenção no meio heterodoxo. No entanto, a aceitação do pluralismo não parece ser mais um característica essencialmente heterodoxa. Segundo Dow: “Comentadores como Goodwin e Colander [...] identificam uma crescente pluralidade na economia ortodoxa, acompanhada de um afastamento das divisões (ideológicas) entre as escolas

de pensamento, de modo que os termos "ortodoxo" e "heterodoxo" deixaram de ser relevantes.” (DOW, 2008, p. 74). Desta forma, outras visões teriam sido bem-vindas no *mainstream*, juntando-se à ortodoxia e criando um corpo teórico sintético e original.

Naturalmente, esta proposta de abandono das categorias *ortodoxia* e *heterodoxia* não recebe apoio de muitos economistas heterodoxos. Como vimos em Lawson (2006), a distinção entre heterodoxia e ortodoxia é essencialmente intelectual, de maneira que uma simples mudança de perspectiva sociológica não alteraria o status heterodoxo de um programa de pesquisa. Além disso, de acordo com Dow, “[...] há um crescente apoio (representado em nível institucional pelo ICAPE e AHE) à ideia de que a economia heterodoxa está unida, pela sua ontologia de sistema aberto e/ou pela sua confiança numa metodologia pluralista.” (DOW, 2008, p. 74). A penetração destas ideias no *mainstream* poderia esvaziar os esforços por parte destes setores da heterodoxia.

A questão do pluralismo do *mainstream* começou a ser abordada no início da década de 90. De acordo com Dow (2008, p. 75), em 1991, a publicação *Economic Journal* convidou diversos economistas a darem suas opiniões sobre o que esperar do futuro da ciência econômica. Entre os principais temas abordados pelos convidados, podemos citar:

- a) a abertura da ciência econômica a outros tipos de ciência, como a psicologia e a sociologia
- b) o aumento da especialização na academia, levando a uma fragmentação da comunidade de economistas
- c) o aumento da coesão em torno de princípios teóricos e metodológicos, afastando do horizonte debates e discussões sobre aplicações de políticas.

Por volta desta época, a perspectiva sobre a pluralidade do *mainstream* parecia ainda não estar amadurecida. Como nos revela Dow (2008, p. 76), havia a visão de John Pencavel (1987) e de Blanchard e Fischer (1989). Para o primeiros destes autores, devemos imaginar as diferentes ideias econômicas como participantes de um mercado de ideias, competindo livremente. O resultado desta competição seria um pluralismo de pontos de vista, nunca chegando a um monopólio ou a um estado de

equilíbrio permanente. De maneira distinta, a posição de Blanchard e Fischer era mais restritiva em relação ao pluralismo, pois estes acreditavam que a coexistência de múltiplas ideias poderia criar desconfortos lógicos, uma vez que significaria aceitar a convivência de variados pontos de vista em contradição entre si.

No entanto, analisando um período anterior, Sheila Dow assinala que algum grau de pluralismo já existia de uma maneira incipiente. A explicação convencional sobre o panorama do pensamento econômico nas décadas de 70 e 80 nos diz que ele foi essencialmente caracterizado pelas discussões em torno de políticas econômicas e, em última instância, de debates ideológicos (DOW, 2008, p. 76). Estes debates são exemplificados pelas famosas contendas entre Monetaristas e Keynesianos.

Recentemente, vemos o surgimento de novas explicações sobre o quadro intelectual deste período. Estas interpretações nos dizem que conseguimos identificar um horizonte mais amplo de escolas de pensamento atuando nesta época (pós-keynesianos, institucionalistas, neo-austríacos e marxistas), diferenciando-se essencialmente por questões relativas a *abordagem metodológica*, não apenas por assuntos relacionados a ideologia (DOW, 2008). Da mesma forma, o conceito de *mainstream* desta época podia ser analisado por uma perspectiva intelectual, pela adesão aos princípios da teoria do equilíbrio geral, bem como em termos de escolas de pensamento prestigiadas, como monetaristas, novos-clássicos e novos-keynesianos.

O que observamos neste processo de desenvolvimento do *mainstream* é que desde os anos 80 vem ocorrendo uma fragmentação das ideias que compõem este núcleo, expandindo o domínio do que pode ser identificado como o pensamento dominante na ciência econômica. Desta forma, Dow (2008) concorda com Davis (2006) e Colander, Holt e Rosser (2004) sobre a existência da pluralidade no *mainstream*. No entanto, Dow (2008, p. 76) questiona até que ponto esta mudança no nível de diversidade de ideias é de fato um exercício de pluralismo. É possível termos variedade no *conteúdo* das teorias sem que isso signifique que as estruturas fundamentais destas teorias sejam diferentes.

No sentido de pluralidade de teorias, a análise de Colander et al (2004) parece nos mostrar de modo seguro que o *mainstream* abarca, de fato, uma multiplicidade de visões. Desta forma, como afirma Dow, “[...] o crescimento da teoria dos jogos, da

economia experimental, da economia evolucionária, da economia comportamental, da economia da complexidade, etc., denotou que o *mainstream* da ciência econômica não poderia mais ser identificado como um único sistema teórico.” (DOW, 2008, p. 76-77).

Esta abertura ao pluralismo na esfera do conteúdo se mostra de maneira clara em muitos casos atuais. Assim, Dow (2008, p. 77) afirma que há essencialmente um pluralismo de conteúdo. Isto pode ser observado na aceitação de novas formas de evidências para a ciência econômica, de maneira que isto acaba refletindo numa compreensão acerca da importância de uma perspectiva plural.

Podemos ver estas interações das novas com as antigas ideias desenvolvimento de uma variedade de abordagens teóricas do comportamento econômico e tomada de decisões (DOW, 2008, p. 77). Por exemplo, ao considerarmos diferentes cenários de informação entre as diferentes categorias dos atores econômicos, a teoria das expectativas racionais nos leva ao equilíbrio múltiplo. Da mesma forma, a economia comportamental nos traz novas abordagens sobre risco, de maneira a explicar comportamentos mais complexos nos mercados financeiros. Além disso, o uso da Teoria dos Jogos nos traz uma análise mais assertiva sobre as interações entre diferentes grupos dentro de uma economia. Por fim, a ênfase na heterogeneidade dos agentes afasta a análise convencional por meio do agente representativo, num sentido de tentar capturar de maneira mais precisa as complexidades da realidade.

III.2.2 Pluralismo teórico, monismo metodológico

Até este ponto, a visão de Dow (2008) se assemelha muito à de Davis (2006) e de Colander et al (2004). O elemento que a autora acrescenta ao debate é o questionamento se o pluralismo no *mainstream* também existe em outros níveis, e não somente na esfera da teoria e da evidência. A resposta de Dow é muito clara:

“De fato, embora haja consenso na literatura ortodoxa (justificado ou não) de que houve fragmentação em termos de teoria e evidência, há também um consenso de que houve uma coesão crescente no nível de abordagem, especificamente em termos da seleção do método.” (DOW, 2008, p. 77).

A autora aponta diversos autores que fazem do *mainstream* para justificar o seu

ponto de vista¹⁷. Desta forma, podemos concluir que há um processo de absorção das novas ideias por um *framework* monista que se mantém intacto, fundamentando intelectualmente o que chamamos de *mainstream* econômico. Há diversos exemplos de como o *framework* do *mainstream* absorve a pluralidade de conteúdos que se apresentam como desafios à ortodoxia neoclássica.

Como nos mostra Dow (2008, p. 78), a teoria dos jogos se inseriu no *mainstream* formalizando diferentes noções de racionalidade. De uma outra maneira, dentro do escopo da economia comportamental, a noção de comportamento racional foi ampliada, de forma a incluir comportamentos antes considerados irracionais. No entanto, o resultado desta adaptação continua a ser expressado em termos de otimização de comportamento sujeito a limitações, de forma a permitir o tratamento formalizado. Por outro lado, a concepção ortodoxa de incerteza foi redefinida, incorporando a experiência da incerteza e a incerteza de decisão, mas aplicadas a um *framework* de maximização de utilidade.

Um outro aspecto essencial desta relação entre o *framework* ortodoxo e a abordagem pluralista é aquele que diz respeito a novas modalidades de evidência aceitas pelo *mainstream*. Por exemplo, evidências coletadas a partir de pesquisas de campo e entrevistas, métodos comumente ligados à sociologia e à psicologia. Podemos citar o caso das pesquisas relacionadas ao que podemos chamar de “literatura da felicidade” (DOW, 2008, p. 78). Estas pesquisas evidenciam, por exemplo, que existe um sentimento de autoestima relacionado ao trabalho. Com isso, esta nova evidência parece contradizer a visão tradicional do trabalho como uma fonte de desutilidade. Nestes cenários, o grande desafio ao *framework* ortodoxo é ser capaz de assimilar e adaptar as novas evidências às limitações do formalismo teórico.

Tendo em vista os exemplos citados acima, observamos que, por mais plural que seja o *mainstream* em relação ao conteúdo, o pilar metodológico neoclássico continua a ser o fundamento do *mainstream*. Dessa forma, Dow nos diz: “O consenso identificado por comentadores (como Morgan e Rutherford, e Blaug) foi que a

¹⁷ Dow nos mostra que diversos autores do próprio *mainstream* identificam este aspecto monista na parte metodológica: “Blanchard, que com Fischer tinha chamado a atenção para uma pluralidade dentro da macroeconomia em 1989,[...] em 1997 vem a enfatizar um compartilhamento a nível de *framework*. De maneira mais geral, Goodwin e Colander apontam para uma crescente exigência de que a teoria seja expressa em termos de matemática formal, que no nível do método reduz significativamente o grau de pluralidade” (DOW, 2008, p. 78-79).

construção, análise e teste de modelos formais é a atividade principal da economia *mainstream*.” (DOW 2008, p. 78 - 79) Neste sentido, há um pluralismo teórico, mas um monismo metodológico.

Com isso, nos aproximamos do conteúdo da crítica feita por Lawson (2006) ao projeto moderno do *mainstream*. Devemos sacrificar evidências empíricas em favor de um formalismo matemático? A forma deve preceder o conteúdo? De acordo com Dow: “a questão chave será, portanto, até que ponto os requisitos da modelagem matemática são prioritários para resolver as incompatibilidades emergentes entre teoria e evidência.” (DOW, 2008, p. 79).

A resposta a este questionamento não é tão simples. Naturalmente, um *framework* bem definido cria diversas facilidades analíticas, de maneira que a grande maioria dos casos a serem estudados pode ter uma análise adequada se utilizarmos o modelo correto. No entanto, não devemos perder de vista as limitações que uma visão monista impõe ao desenvolvimento de uma ciência. Assim, Dow conclui:

“Uma vez que a economia passou a ser definida por seu método (formalista), qualquer pesquisa que tenha caído fora desse método não poderia ser ciência econômica e foi assim ignorada. Como resultado, há uma profunda falta de consciência da longa tradição da análise econômica heterodoxa usando diferentes metodologias, de modo que os economistas ortodoxos estão encarando o confronto da teoria com o mundo real como se fosse a partir do zero. Por esta razão, se não for por outra, não seria surpreendente se a metodologia formalista predominante persistisse, por falta de ideias entre economistas ortodoxos sobre como desenvolver alternativas. Os economistas ortodoxos continuariam então a definir o campo, monisticamente, pelo seu método.” (DOW, 2008, p. 79)

III.2.3 – A abordagem da complexidade

Nesta última parte do Capítulo III, vamos abordar a visão de Fontana (2010) sobre a dinâmica existente entre a ortodoxia neoclássica e o que podemos chamar de *abordagem da complexidade*. De uma maneira resumida, a autora defende que a economia neoclássica é incapaz de lidar com a questão da complexidade. Ela ataca o que chama de *falácia da dinâmica da mancha de óleo (fallacy of the oil spot dynamic)* (FONTANA, 2010, p. 584). Esta dinâmica consistiria na habilidade da abordagem neoclássica de assimilar novos conteúdos e inovações. É bem verdade que o *framework* neoclássico têm sido bem-sucedido em assimilar novas ideias vindas de fora de seu *core*, como vimos em Dow (2008). No entanto, para questões relacionadas a análises de sistemas complexos, Fontana não acredita que a ortodoxia possua os instrumentos necessários para tal empreitada.

Nas linhas que se seguem, vamos enunciar o panorama onde a abordagem da complexidade (*complexity approach*) se insere na história do pensamento econômico, além de verificarmos os principais argumentos da autora sobre as razões da ortodoxia neoclássica não poder incorporar os elementos característicos da complexidade. Desta maneira, a abordagem da complexidade se apresenta como um programa de pesquisa independente, sem nenhuma intercessão com a abordagem neoclássica, não sendo possível combinar as duas visões, da mesma forma que água e óleo não se misturam. Daí a origem do termo *falácia da dinâmica da mancha de óleo*.

Nos últimos anos, temos observado uma crescente influência da análise de sistemas complexos nos campos da física, da biologia e das ciências sociais (Fontana, 2010). Em particular, este tipo de abordagem vem ganhando cada vez mais prestígio na ciência econômica devido à possibilidade de explicar fenômenos mais complexos, muitas vezes através de linguagem teórica e de modelos, levando em conta um vasto conjunto de potenciais comportamentos dos agentes econômicos.

Esta crescente importância da abordagem da complexidade tem sido recebida pelos cientistas econômicos de formas distintas. De acordo com Fontana: “[...] [a abordagem da complexidade] é considerada como uma abordagem alternativa ao Paradigma Neoclássico/Samuelsoniano (PNS), a qual se deve recorrer quando o primeiro fracassa em seu tratamento de fenômenos particulares [...] ou como um paradigma emergente” (FONTANA, 2010, p. 584). Vale ressaltar que, em seu trabalho, a autora se refere ao projeto ortodoxo neoclássico como “Paradigma Neoclássico/Samuelsoniano”. A partir deste ponto, trataremos estes termos como sinônimos.

Na visão de Fontana (2010, p. 584), a abordagem neoclássica e a abordagem da complexidade “estão baseadas em micro-fundamentos e metodologias nitidamente diferentes”. Com isso, veremos a seguir os principais pontos de vista sobre como estas duas abordagens se relacionam.

A primeira visão é aquela que podemos chamar de *visão sociológica*. Esta é a perspectiva de Davis e Colander et al (2004). Conforme vimos anteriormente, este ponto de vista defende que a profissão da economia é uma entidade dinâmica, de maneira que a abordagem da complexidade pode muito bem vir a se tornar um novo

paradigma, ou contribuir para um cenário de pluralismo, combinando suas inovações com noções de outros programas de pesquisa, gerando uma nova ortodoxia (FONTANA, 2010, p. 585).

A segunda visão identifica o Paradigma Neoclássico/Samuelsoniano como apto a estabelecer uma integração plena com a abordagem da complexidade (Fontana, 2010, p. 585). Em outras palavras, a ortodoxia é capaz de absorver a perspectiva complexa. Desta maneira, a complexidade se torna apenas mais um elemento de composição do ferramental neoclássico, não abalando as bases essenciais do paradigma ortodoxo.

Fontana nos traz uma visão alternativa. A ciência econômica, de fato, está num período de mudanças. No entanto, para a autora, a forma desta mudança é diferente da interpretada por Davis (2006) e Colander et al (2004). Segundo Fontana:

“Enquanto as análises sociológicas descrevem os efeitos da complexidade olhando para a profissão da ciência econômica e suas relações com conceitos heterodoxos, argumentarei que a ontologia e a epistemologia do NSP não podem lidar com fenômenos complexos. Esse ponto de vista é de certo modo tomado como certo nas interpretações sociológicas, mas raramente discutido em detalhes.” (FONTANA, 2010, p. 585).

É importante levarmos em conta os elementos intelectuais das novas propostas, e não apenas realizar a análise pelo ponto de vista sociológico de dinâmica de interação entre ideias.

É possível que a “dinâmica da mancha de óleo” seja aplicada na relação do paradigma ortodoxo com a perspectiva complexa? As características fundamentais das duas abordagens nos mostram que um acordo entre elas não é possível. Por conta disso, a abordagem da complexidade não deve ser tratada meramente como uma crítica à ortodoxia neoclássica, mas um programa de pesquisa autônomo, com sua própria ontologia, conceitos e métodos¹⁸.

Essencialmente, os argumentos sobre o porquê do Paradigma Neoclássico/Samuelsoniano não conseguir absorver os aspectos inerentes à abordagem da complexidade são de natureza ontológica e epistemológica. Na abordagem da complexidade, as economias são compreendidas como *sistemas*

¹⁸ Como nos diz Fontana de maneira mais detalhada: “A discussão dos aspectos ontológicos e epistemológicos das duas abordagens demonstrará que isso não pode ser realizado sem incorrer em substanciais contradições metodológicas...” (FONTANA, 2010, p. 585).

*adaptativos complexos*¹⁹ (FONTANA, 2010, p. 586). Desta forma, o objeto de estudo da ciência econômica deixa de ser tratado como um elemento simples, de maneira que o cientista passa a incluir em sua análise a noção de que economias são caracterizadas por interações dispersas, sem controles centrais, com a participação de organizações com hierarquias transversais, dinâmicas de contínua adaptação e, mais importante, operando fora de um equilíbrio dinâmico.

De acordo com Fontana (2010, p. 586), podemos definir os sistemas adaptativos complexos a partir de cinco características.

- (i) Sistemas complexos são compostos por uma multiplicidade partes, com estruturas consideravelmente distintas. Os agentes que fazem parte das economias são essencialmente heterogêneos, organizados em uma grande variedade de grupos e estruturas institucionais. Desta forma, se retirarmos algum dos componentes deste emaranhado de relações, o sistema se reorganizará através de mudanças que compensem esta alteração. Por conta disso, a simples abstração utilizada no *framework* neoclássico não é adequada.
- (ii) Sistemas complexos são constituídos por dinâmicas não-lineares. Isto ocorre pelo fato de que os diferentes elementos que participam do sistema operam em diferentes escalas temporais e espaciais. Por conta disso, vemos que o agregado não pode ser simplesmente considerado como a soma dos componentes individuais.
- (iii) Sistemas complexos normalmente se mantêm fora de um ponto de equilíbrio. As grandes flutuações observadas nas séries econômicas temporais nos indicam que as economias tendem a operar num “estado crítico”, fora do equilíbrio, onde distúrbios menores podem gerar eventos em diversos níveis. Este estado é o que chamamos de “criticalidade auto-organizada”.
- (iv) Sistemas complexos são entidades que se adaptam a mudanças, de maneira que esta capacidade de adequação a novas circunstâncias cria uma maior probabilidade destes sistemas perdurarem. Suas partes se adaptam alterando o comportamento, da mesma forma que condições dadas podem

¹⁹ Chamaremos os Sistemas Adaptativos Complexos de CASs (“Complex Adaptive Systems”).

ser alteradas ao longo do tempo e aprendizados podem ocorrer nesta perspectiva dinâmica. Além disso, é importante ressaltar que o ambiente de qualquer elemento adaptativo geralmente é constituído de outras partes adaptativas. Assim, indivíduos adaptativos estão sempre se relacionando com outros indivíduos e elementos adaptativos, criando uma dinâmica que dificilmente poderá ser abarcada pela perspectiva neoclássica.

- (v) Sistemas complexos têm o que chamamos de *histórias irreversíveis*. Isto significa que cada organismo individual é o resultado único da interação entre seu código genético, seu ambiente físico e suas influências morais, culturais, estéticas, religiosas, além da interferência de acontecimentos particulares que orientam de maneira relevante o destino de um indivíduo. Nos campo dos fenômenos sociais, cada evento é o produto de ações individuais, dentro de um determinado ambiente institucional, em circunstâncias precisas de tempo e espaço.

Por outro lado, a ontologia que sustenta o paradigma ortodoxo não contempla os detalhes expostos pela abordagem da complexidade, pois fundamenta-se na Teoria do Equilíbrio Geral²⁰. Como nos mostra Fontana:

“O funcionamento das duas economias não pode sobrepor-se: a economia GET baseia-se na linearidade, ausência de hierarquias e ligações entre entidades, homogeneidade de meios, fins e competências, racionalidade perfeita, tempo lógico, simetria na tomada de decisão e atuação e equilíbrio enquanto que as economias CASs são caracterizadas por não-linearidade, hierarquias emaranhadas, importância das conexões entre componentes, heterogeneidade, raciocínio indutivo, tempo histórico, simetria quebrada e comportamento fora do equilíbrio.” (FONTANA, 2010, p. 590).

Com isso, podemos notar que a estrutura ontológica dos sistemas adaptativos complexos é completamente diferente da esperada pelo Paradigma Neoclássico/Samuelsoniano.

Dadas estas características das duas abordagens e a natureza ontológica de cada uma, podemos verificar que há um abismo intransponível entre elas. Não é possível realizarmos uma combinação entre as principais qualidades de cada um dos dois paradigmas, resultando numa síntese superior às partes. Não se trata somente da existência de alguns aspectos de discordância, mas de programas de pesquisas que

²⁰ Vamos nos referir à Teoria do Equilíbrio Geral como GET (“General Equilibrium Theory”)

não podem ser decompostos, de maneira que todas as características dos *frameworks* estão interligadas. Se retirarmos um elemento da abordagem, corremos o risco de fazer desmoronar toda a estrutura do programa de pesquisa²¹.

Portanto, segundo Fontana: “[as economias] GET e CAS não se encontram nos extremos de um continuum; em vez disso, são sistemas que funcionam de acordo com leis diferentes e não é possível mudar de um para o outro gradualmente enfraquecendo ou reforçando alguma suposição” (FONTANA, 2010, p. 590). Assim, fica claro que a abordagem neoclássica e a abordagem da complexidade devem ser tratadas como programas independentes, sem ligações teóricas, metodológicas ou ontológicas. São programas que não podem ter nenhuma interseção.

Por conta dos motivos expostos acima, não há como o *framework* neoclássico absorver a abordagem da complexidade. Com isso, podemos compreender porque Fontana chamou o processo de assimilação operado pelo *framework* ortodoxo em relação à complexidade de *falácia da dinâmica da mancha de óleo*. Além disso, por essa perspectiva, podemos nos questionar se o *mainstream* é capaz de comportar o pluralismo em níveis mais elevados, como o ontológico. Da mesma forma que o *mainstream* ortodoxo não é capaz de assimilar a ontologia da complexidade, a abordagem complexa consegue lidar com as questões levantadas pelo Paradigma Neoclássico/Samuelsoniano? Em outras palavras, a ciência econômica sempre estará fadada a escolher entre um ou outro *framework*, persistindo como uma ciência monista neste aspecto? Não há uma resposta exata para estes questionamentos. No entanto, pelos argumentos apresentados, nos parece claro que a ciência econômica caminha para uma substituição e não para a coexistência de paradigmas.

²¹ Sobre esta questão, Fontana afirma: “Todas essas características [dos paradigmas] tomadas individualmente parecem profundamente diferentes, se não contrastantes. No entanto, creio que a impossibilidade de misturar as duas descrições da economia é mais bem compreendida quando se reconhece que todos os elementos necessários para o seu funcionamento estão ligados uns aos outros de forma a tornar impossível a decomposição do GET ou do CAS.” (FONTANA, 2010, p. 590).

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, procuramos organizar e expor a discussão sobre o atual estado sociológico e intelectual da ciência econômica. Vimos uma ampla gama de opiniões, muitas delas frontalmente opostas, que buscavam avaliar e explicar o presente momento da pesquisa econômica, bem como sugerir caminhos para que ela possa se desenvolver de forma mais satisfatória no futuro. Acreditamos que este debate é crucial para atingirmos o objetivo de uma ciência robusta, segura e com credibilidade.

No primeiro capítulo, tratamos das questões relativas aos termos heterodoxia, ortodoxia e mainstream. Apresentamos a posição de Lawson, que defende a ideia de que existe uma unidade intelectual entre todos os programas de pesquisa heterodoxos, a partir de uma perspectiva que parte do estudo dos pressupostos ontológicos de cada escola de pensamento e de sua compatibilidade com as características da realidade social. Para Lawson, a ontologia da realidade econômica implica uma inadequação da utilização de métodos formalista-dedutivos, o que tornaria os programas de pesquisa ortodoxos falhos desde a sua base. Dentro desta perspectiva, uma abertura para métodos e teorias heterodoxos mostra-se fundamental para o desenvolvimento de programas de pesquisa adequados a um objeto de estudo que se caracteriza por ser um sistema aberto.

Neste debate, o tema do formalismo matemático merece uma atenção especial. De acordo com o que foi mostrado neste trabalho, a questão da adequação do uso de métodos matemáticos assume uma posição central na discussão. Concordando ou discordando acerca de sua adequação, parece-nos que o domínio do ferramental matemático é fundamental para o bom economista compreender e participar destas disputas relacionadas ao método.

Por outro lado, autores como Colander, Davis e Dequech buscam fazer uma análise sociológica das ideias dominantes na ciência econômica. Desta forma, confrontam a visão de Lawson de que existe uma unidade intelectual no projeto heterodoxo. Para eles, existe um domínio mais amplo para a compreensão do panorama das ideias existentes na economia. Assim, suas contribuições dão importância central ao conceito de *mainstream*. Esta formulação compreende que há uma dinâmica intrínseca ao desenvolvimento da pesquisa na ciência econômica.

Sendo o *mainstream* um conceito sociológico, estes autores analisam as ideias que possuem maior ou menor prestígio dentro da academia.

Isso significa que tanto teorias ortodoxas quanto heterodoxas podem participar do *mainstream*. Este *insight* nos leva a concluir alguns aspectos importantes da crítica heterodoxa ao *mainstream*. Em grande parte, a crítica à ortodoxia parte dos heterodoxos que estão fora do *mainstream*. Desta maneira, podemos propor, para fins de clareza, que o termo “heterodoxo”, nestes casos, venha acompanhado de alguma conotação que mostre que estes autores costumam defender ideias de menor prestígio na academia. A divisão entre “heterodoxia *mainstream*” e “heterodoxia não-*mainstream*” nos parece apropriada.

Longe de querermos advogar a perfeição das teorias e métodos do *mainstream*, é provável que ideias se tornem dominantes devido a algum mérito. A menos que exista alguma conspiração generalizada, em outras palavras, um movimento orquestrado de defesa incondicional da ortodoxia, podemos concluir que o *framework* neoclássico tem se mostrado competente no que se propõe a fazer.

Naturalmente, existe uma dinâmica extremamente complexa relacionada à determinação da influência de ideias. Não queremos aqui cair em extremos. Em nossa opinião, é possível que um determinado *core* intelectual seja dominante, sem que isso seja um obstáculo a melhorias e inovações na ciência econômica. Ou seja, a questão aqui é se tal dominância acaba por gerar barreiras ou restrições excessivas ao desenvolvimento de abordagens teóricas alternativas.

Krugman (2014) nos alerta para não tomarmos atitudes dogmáticas em relação aos erros e acertos do *mainstream*. Em suma, devemos compreender que a ciência econômica não é perfeita. Nem por isso devemos substituir por completo os métodos consagrados, caso eles venham a falhar. É claro que todo erro é uma oportunidade para aperfeiçoar a teoria econômica. Neste sentido, a heterodoxia realiza um papel extremamente importante de equilíbrio, regulação e revisão constantes da teoria *mainstream*.

No segundo capítulo, discutimos o tema do pluralismo na ciência. Existe uma demanda considerável por diálogo entre os acadêmicos, especialmente por parte daqueles que participam do meio da heterodoxia não-*mainstream*. Desta forma,

buscamos analisar de que maneira o pluralismo pode ser aplicado corretamente nas ciências. A conclusão que chegamos é que, em termos de favorecer o avanço das ciências, o pluralismo é mais produtivo que o monismo.

Este estudo nos mostrou que, antes de tudo, o pluralismo é uma postura anti-metafísica, no sentido de deixar em aberto a resposta sobre qual é a natureza definitiva de um determinado objeto de estudo. Isto não significa que ser pluralista seja sinônimo de negar a existência de uma verdade objetiva. O que podemos concluir é que o pluralismo se assemelha muito mais a uma atitude de abertura a novas possibilidades do que uma defesa do relativismo. Uma das principais qualidades desejadas num cientista é a sua atitude antidogmática. Desta forma, a aplicação dos princípios pluralistas no ambiente acadêmico nos ajuda a cumprir esta necessidade de imparcialidade científica.

Por sua vez, no terceiro capítulo, investigamos de que maneira esta prática do pluralismo se dá na ciência econômica, em especial na área de estudos do *mainstream* acadêmico. Como citamos anteriormente, o programa de pesquisa do *mainstream* é extremamente diverso. Autores como Colander e Davis nos mostram a grande variedade de conteúdo que existe no *mainstream* econômico. Desta maneira, o termo “neoclássico” acaba perdendo sua validade como sinônimo de *mainstream*, pois ele se torna incapaz de se referir à multiplicidade de visões que coexistem e possuem prestígio dentro da academia.

No entanto, autoras como Dow e Fontana fazem contrapontos a este otimismo em relação ao pluralismo apresentado pelo atual *mainstream*. Por mais que possamos concordar que o *mainstream* contempla uma grande variedade de teorias, verifica-se que, em termos metodológicos, a exigência da utilização de modelos matemáticos se mostra como um elemento unificador das abordagens utilizadas e aceitas pelo *mainstream*. Dow aborda este tema de maneira detalhada, mostrando que, em termos metodológicos, o *mainstream* permanece monista. Esta opinião parece ser consensual, mesmo entre os autores que argumentam sobre a existência de uma pluralidade de teorias no *mainstream*.

Estas noções se relacionam diretamente com a posição de Lawson acerca da unidade ontológica do *mainstream*. No entanto, podemos questionar se Lawson está

correto ao afirmar que o uso do método matemático-dedutivo necessariamente pressupõe uma ontologia fechada. Como afirma Hodgson:

“O fato de se usar um modelo matemático fechado não significa que se afirme que o mundo real é um sistema fechado. A adoção de um modelo fechado não implica a suposição de que a realidade é fechada. Modelos e realidade têm um status ontológico diferente. Os modelos não são e não podem ser representações adequadas ou literais da realidade. Em vez disso, eles são heurísticas parciais e provisórias para nos ajudar a entender e se comprometer com fenômenos reais. Consequentemente, a obsessão atual por parte dos economistas com o formalismo não implica necessariamente que os sistemas fechados sejam assumidos na realidade.” (HODGSON, 2007, p. 18)

Esta visão nos abre um leque de possibilidades interpretativas sobre os méritos da utilização de modelos na análise da ciência econômica. A crítica feita por Fontana ao *mainstream* é a de que o Paradigma Neoclássico/Samuelsoniano é incapaz de lidar com os aspectos essenciais da abordagem da complexidade. Lawson utiliza um argumento muito semelhante, afirmando que o formalismo neoclássico é inadequado, dada a natureza ontológica da realidade social, mas Fontana vai além da crítica metodológica (*a priori*) do formalismo – ela aponta que os modelos teóricos que tratam adequadamente a complexidade dos fenômenos econômicos trazem um conteúdo teórico incompatível com os pressupostos teóricos ortodoxos. Neste momento, o debate vai além da percepção de que o formalismo matemático domina, de fato, a metodologia do *mainstream*. A questão central passa a ser o verdadeiro valor da utilização deste método, ou ainda se tal formalismo é ou não suficientemente flexível para ser utilizado no desenvolvimento de modelos teóricos efetivamente alternativos à ortodoxia, capazes de serem aplicados a processos de inovação e mudança econômica.

Na verdade, é possível argumentar que o grande problema da ênfase em análises utilizando modelos matemáticos reside em outra esfera. Como nos diz Hodgson:

“... a proeza com a técnica formal substituiu a base intelectual mais ampla, intuitiva, metodológica e histórica requerida do grande economista. (...) Hoje, os economistas não são sistematicamente educados na história econômica, na filosofia da ciência ou na história de sua própria disciplina. Estas, lamentavelmente, se tornaram preocupações marginais para os economistas, e publicações nestas áreas são muitas vezes desconsideradas na disputa institucionalizada por reconhecimento e promoção. Recrutamento e progresso profissional geralmente levam em conta a base de competência técnica, ao invés de conhecimento da economia real ou da evolução da ciência econômica como disciplina.” (HODGSON, 2008, p. 19)

No fim das contas, todo o debate sobre o pluralismo na ciência econômica tem como fundamento o fato de que nossa ciência está longe de ter um objeto de estudo simples de ser compreendido. A verdade é que a Economia é uma ciência concreta, que trata assuntos imediatos, do nosso cotidiano, envolvendo uma infinidade de variáveis. Mas, principalmente, a Economia é uma ciência humana. Ela trata de pessoas reais e de problemas reais, por mais que modelos formais possam nos fazer esquecer temporariamente destes fatos. E como tudo o que é humano é extremamente complexo, nada mais justo do que defendermos uma abertura a diversas perspectivas ao seu entendimento. Mais do que desejado, o pluralismo é uma necessidade para evoluirmos a nossa compreensão do fenômeno econômico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIANCHI, A. Muitos Métodos é o Método: A Respeito do Pluralismo. **Revista de Economia Política**, v. 12, n.2, 1992.

BLANCHARD, O. **Macroeconomics**. NSR NJ: Prentice-Hall, 1997.

BLANCHARD, O. et al. **Lectures in Macroeconomics**. Cambridge, MA: MIT Press, 1989.

CHANG, H. **Is Water H2O? Evidence, Realism and Pluralism**. Dordrecht: Springer, 2012.

COLANDER, D. et al. The Changing Face of Mainstream Economics. **Review of Political Economy**, v.16, n.4, 485-499, out. 2004.

DAVIS, J. The Nature of Heterodox Economics. **Post-Autistic Economics Review**, v. 40, 23-30, 1 dez. 2006.

DAVIS, J. The turn in economics: neoclassical dominance to mainstream pluralism? **Journal of Institutional Economics**, v.2, n.1, 1–20, 2006.

DEQUECH, D. Neoclassical, mainstream, orthodox, and heterodox economics. **Journal of Post Keynesian Economics**, v.30, n.2, 279-302, dez 2007.

DI MAIO, M. Are Mainstream and Heterodox Economists Different? An Empirical Analysis. **American Journal of Economics and Sociology**, v.72, n.5, nov. 2013.

DOW, S. Plurality in Orthodox and Heterodox Economics. **The Journal of Philosophical Economics**, v.1, n.2, 73-96, 2008.

FONTANA, M. Can neoclassical economics handle complexity? The fallacy of the oil spot dynamic. **Journal of Economic Behavior & Organization**, v. 76, n.3, 584-596, 2010.

FOURCADE, M. et al. The Superiority of Economists. **Journal of Economic Perspectives**, v. 29, n.1, 89-114, 2015.

GIERE, R. Perspectival Pluralism. in KELLERT, S.; LONGINO, H.; WATERS, C. (Org.). **Scientific Pluralism**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2006. p. 26-41.

GODFREY-SMITH, P. **Theory and reality : an introduction to the philosophy of science**. Chicago: University of Chicago Press, 2003.

GUERRIEN, B. Irrelevance and ideology. **Post-autistic Economics Review**, n. 29, artigo 3, 6 dez. 2004.

HAHN, F. Some adjustment problems. **Econometrica**. v. 38, n.1, 1-17, 1970.

HANDS, D. Orthodox and heterodox economics in recent economic methodology. **Erasmus Journal for Philosophy and Economics**, v.8, n.1, 61-81, primavera 2015.

HEISE, A. Pluralism in economics: Inquiries into a Daedalean concept, **Discussion Papers**, Zentrum für Ökonomische und Soziologische Studien, n. 51, 2016.

HODGSON, G. Evolutionary and Institutional Economics as the New Mainstream? **Evolutionary and Institutional Economics Review**, v.4, n.1, 7-25, 2007.

KANTH, R. Against Eurocentred Epistemologies: A Critique of Science, Realism and Economics. **Ekonomia**. v. 1, n.2, 54-74, 1997.

KELLERT, S. et al. The Pluralist Stance. in KELLERT, S.; LONGINO, H.; WATERS, C. (Org.). **Scientific Pluralism**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2006. p. vii-xxviii.

KEYNES, J. **The Scope and Method of Political Economy**. Nova York: Kelley & Millman, 1917.

KRUGMAN, P. Frustrations of the Heterodox. **The New York Times**, Nova York, 25 abr. 2014. Disponível em:
<<https://krugman.blogs.nytimes.com/2014/04/25/frustrations-of-the-heterodox/>>
Acesso em: 18 abr. 2017.

KUHN, T. **The Structure of Scientific Revolution**. Chicago: University of Chicago Press, 1970.

LAWSON, T. The nature of heterodox economics. **Cambridge Journal of Economics**, v.30, n.4, 483- 505, dez. 2005.

LAWSON, T. Cambridge social ontology: an interview with Tony Lawson. **Erasmus**

Journal for Philosophy and Economics, v. 2, n. 1, 100-122, set. 2009.

PENCAVEL, J. Prospects for Economics. **Economic Journal**. v.101 n.404, 81-87, 1991.

RODRIK, D. **Economics Rules: Why Economics Works, When It Fails, and How To Tell The Difference**. Nova York: Oxford Press University, 2015.

RODRIK, D. Economists vs Economics. **Project Syndicate**, Prague, 10 set. 2015. Disponível em: <<https://www.project-syndicate.org/commentary/economists-versus-economics-by-dani-rodrik-2015-09>> Acesso em: 20 mar. 2017.

SENT, E. Pluralisms in Economics. in KELLERT, S.; LONGINO, H.; WATERS, C. (Org.). **Scientific Pluralism**. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2006. p. 80-101.

SMITH, N. Economics Has a Math Problem. **Bloomberg**, 1 set. 2015. Disponível em: <<https://www.bloomberg.com/view/articles/2015-09-01/economics-has-a-math-problem>> Acesso em: 11 abr. 2017.